

JOSÉ GUSTAVO BOSQUETTE PENA

**UMA CATEGORIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS ATRATIVOS DE DARK TOURISM E
DARK HERITAGE NO SUDESTE BRASILEIRO**

Rosana

2024

JOSÉ GUSTAVO BOSQUETTE PENA

UMA CATEGORIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS ATRATIVOS DE DARK TOURISM E
DARK HERITAGE NO SUDESTE BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia e Ciências - Câmpus de Rosana, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador (a): Prof. Dr. Rafael Henrique
Teixeira da Silva

Rosana

2024

P397c	Pena, José Gustavo Bosquette Uma categorização dos principais atrativos de Dark Tourism e Dark Heritage no sudeste brasileiro / José Gustavo Bosquette Pena. – Rosana, 2024 72 p. : tabs., fotos Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Turismo) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Engenharia e Ciências, Rosana Orientador: Rafael Henrique Teixeira-da-Silva 1. Dark Tourism. 2. Dark Heritage. 3. Utilização Ética da Memória. 4. Potencial Turístico Brasileiro. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

JOSÉ GUSTAVO BOSQUETTE PENA

O SUDESTE BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DO DARK TOURISM E DARK
HERITAGE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Turismo da Faculdade de
Engenharia e Ciências - Câmpus de Rosana,
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Rosana, 26 de novembro de 2024

Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Rafael Henrique Teixeira da Silva. UNESP, Campus de
Rosana/FEC

Membro Titular: Profa. Dra. Juliana Maria Vaz Pimentel. UNESP, Campus de Rosana/FEC

Membro Titular: Roberson da Rocha Buscioli. UNESP, Campus de Rosana/FEC

Dedico este trabalho à memória da minha avó,
Rosa, e aos meus avôs, João e Aparecido.

AGRADECIMENTOS

Estou terminando mais uma fase da minha vida, e gostaria de agradecer a todos que participaram dela e aos que irão participar de mais fases.

Gostaria de agradecer às pessoas que me acolheram com muito amor em Primavera. Gostaria de agradecer principalmente às meninas da República Zona e Casinha, por terem me acompanhado nessa trajetória até o fim, tanto nos bons momentos, quanto nos ruins. Muito obrigado por todas as risadas altas na quadra 02, e todos os momentos que compartilhamos. Além disso, destaco minha gratidão à Júlia Jacielle que conheci nesse período, irei levar nossas memórias comigo para sempre!

Agradeço também à minha inesperada amiga, Mariana Lussari, que apesar do momento caótico, nos apoiamos e seguimos em frente. Obrigado por confiar em mim em cada projeto e ideia inovadora.

Gostaria de agradecer também ao meu orientador Rafael, por embarcar nas minhas ideias durante esses anos.

Por último, serei sempre grato à minha família, minha irmã por sempre ser esse pilar que me apoia, e por sempre saber de tudo, mesmo sem eu dizer uma palavra, peço desculpas pelo período ausente durante esses anos. Aos meus pais, que mesmo com a descrença de todos os familiares e estranhos, persistiram e apoiaram os filhos sempre. Seremos sempre gratos a tudo que vocês passaram para nos dar um futuro.



“Matrícula 7952, triângulo rosa, barracão 2. Rudolf deve aprender as regras desse novo ambiente carcerário” (Schwarb e Brazda, 2011, p. 87)

Biografia de Rudolf Brazda, um sobrevivente do regime nazista da Segunda Guerra Mundial, condenado por ser homossexual e deportado ao campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha.

RESUMO

A presente monografia buscou identificar, categorizar e analisar os principais atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* do sudeste brasileiro, tendo em vista que, apesar de ser amplamente conhecido, o segmento de turismo sombrio no Brasil e os patrimônios relacionados ao mórbido não são tão notados e praticados quanto nos países do exterior. Há uma convivência entre *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, sendo ambos bens e locais associados à memória de dor, sofrimento, desastres, crimes e mortes. Portanto, para amplo entendimento dos conceitos e da aplicação sustentável do segmento, fora realizada uma pesquisa bibliográfica, assim como uma pesquisa exploratória para a identificação de potenciais atrativos turísticos relacionados ao *Dark Tourism* e *Dark Heritage* na região sudeste do Brasil. Para a categorização dos locais, utilizou-se e adaptou-se a tabela de Light (2017), inspirada pela tabela de Sharpley e Stone (2009), onde são citadas subdivisões do segmento turístico *dark*. Através de uma pesquisa exploratória e com base nos roteiros turísticos de agências de viagens voltados para o *Dark Tourism* no Brasil, foram selecionados 19 atrativos, cada um contendo uma memória tétrica específica e potencial de ser um atrativo *dark*. Com a categorização dos atrativos brasileiros dentro das subdivisões de Light (2017), foi possível averiguar os diversos históricos dos locais e o amplo potencial dos atrativos brasileiros, tanto no mercado turístico, quanto na área acadêmica. Além disso, para melhor investigação, foi realizada uma análise a partir de critérios citados por Light (2017), que correspondem ao funcionamento de locais de tragédia. Em cada critério, foram selecionados exemplares correspondentes ao tema, visando compreender o funcionamento desses atrativos através dos parâmetros citados pelo autor. Deste modo, foi possível compreender o funcionamento e o cenário acadêmico e mercadológico desses atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* no Brasil.

Palavras-chave: Dark Tourism, Dark Heritage, Utilização Ética da Memória, Potencial Turístico Brasileiro.

ABSTRACT

This research aims to identify, categorize, and analyze the main Dark Tourism and Dark Heritage attractions in southeastern Brazil. Despite being widely known, the dark tourism segment in Brazil and its morbid-related heritage are not as noticed and practiced as in foreign countries. There is a convergence between Dark Tourism and Dark Heritage, both being goods and places associated with the memory of pain, suffering, disasters, crimes, and death. Therefore, for a comprehensive understanding of the concepts and sustainable application of the segment, bibliographic research was carried out, as well as exploratory research to identify potential tourist attractions related to Dark Tourism and Dark Heritage in the southeastern region of Brazil. To categorize the locations, Light's table (2017), inspired by Sharpley and Stone's table (2009), which cites subdivisions of the dark tourism segment, was used and adapted. Through an exploratory research and based on the tourist itineraries of travel agencies focused on Dark Tourism in Brazil, 19 attractions were selected, each containing a specific macabre memory and the potential to be a dark attraction. With the categorization of Brazilian attractions within Light's (2017) subdivisions, it was possible to verify the diverse histories of the places and the broad potential of Brazilian attractions, both in the tourism market and in the academic area. In addition, to further investigate, an analysis was conducted based on criteria outlined by Light (2017) concerning the operations of tragedy sites. For each criterion, relevant examples were selected to better understand the functioning of these attractions as described by the author. In this way, it was possible to understand the operation and the academic and market scenario of these Dark Tourism and Dark Heritage attractions in Brazil.

Keywords: Dark Tourism. Dark Heritage. Ethic Memory Use. Brazil's Potential.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cais do Valongo.....	17
Figura 2: Capela dos Aflitos.....	19
Figura 3: Igreja Santa Cruz dos Enforcados.....	20
Figura 4: Casa da Dona Yayá	21
Figura 5: Castelinho da Rua Apa.....	24
Figura 6: Cemitério da Consolação	25
Figura 7: Edifício Praça da Bandeira	26
Figura 8: Edifício Martinelli.....	28
Figura 9: Igreja Candelária	29
Figura 10: Instituto dos Pretos Novos.....	31
Figura 11: Mansão Visconde de Guaratinguetá	32
Figura 12: Memorial das Vítimas de Brumadinho	33
Figura 13: Memorial das Vítimas do Holocausto	34
Figura 14: Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto.....	35
Figura 15: Museu da Loucura.....	36
Figura 16: Museu do Cárcere	37
Figura 17: Parque da Juventude.....	38
Figura 18: Parque Estadual da Ilha Anchieta	39
Figura 19: Portal do Presídio Tiradentes.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 PATRIMÔNIO CULTURAL	4
3 EXPERIÊNCIAS VOLTADAS À MORTE (DARK HERITAGE E DARK TOURISM: UM DEBATEO TEÓRICO).....	6
3.1 Dark Tourism	6
3.2 Dark Heritage	9
4 METODOLOGIA	12
5 DARK HERITAGE E DARK TOURISMO NO BRASIL	16
4.1 Cais do Valongo – RJ	16
4.2 Capela Nossa Senhora dos Aflitos e Igreja Santa Cruz dos Enforcados – SP.....	18
4.3 Casa de Dona Yayá -SP.....	20
4.4 Castelinho da rua Apa – SP	22
4.5 Cemitério da Consolação – SP.....	24
4.6 Edifício Praça da Bandeira – SP	25
4.7 Edifício Martinelli – SP.....	27
4.8 Igreja de Nossa Senhora da Candelária – RJ	28
4.9 Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - RJ	29
4.10 Mansão Visconde de Guaratinguetá – SP.....	31
4.11 Memorial das Vítimas de Brumadinho – MG.....	32
4.12 Memorial das Vítimas do Holocausto – RJ	33
4.13 Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto - SP.....	34
4.14 Museu da Loucura – MG.....	35
4.15 Museu do Cárcere – RJ.....	37
4.16 Parque da Juventude – SP	38
4.17 Parque Estadual da Ilha Anchieta – SP	39
4.18 Portal do Presídio Tiradentes - SP.....	40
6 ATRATIVOS DARK BRASILEIROS, UMA CATEGORIZAÇÃO DA DOR	42
5.1 Classificação dos locais brasileiros segundo as categorias de Light (2017):	43
5.2 Análise dos locais brasileiros segundo Light (2017):	45
<i>Debates éticos</i>	45
<i>As políticas do Dark Tourism</i>	46
<i>Experiências Turísticas</i>	47
<i>Relação entre a memória e identidade de grupos sociais</i>	48
<i>Consumo e Gestão dos Espaços</i>	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÕES	51
8 REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Segundo a OMT (2001)¹ o turismo corresponde às atividades que as pessoas realizam fora de seus cotidianos com fins de lazer, negócios ou outros, em um período inferior a um ano. Entretanto, ao longo do tempo, observa-se que esse conceito tem sido objeto de discussão e reformulação, especialmente à luz das perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares que permeiam o âmbito do turismo. Nesse contexto, verifica-se uma progressiva dissolução da concepção temporal e objetiva anteriormente associada às motivações das viagens.

O turismo, embora que ainda seja considerado uma ciência em construção, tem como epicentro de sua epistemologia o ser humano, que sai de seu cotidiano para exercer esse fenômeno subjetivo de transcorrer territórios globalizados - que explicita uma busca pelo prazer. Ou seja, as acepções reducionistas do turismo sob um olhar disciplinar que o limitam a um ramo/atividade da economia já estão ultrapassadas, pois o foco desse fenômeno no mundo hodierno se tornou sua subjetividade enquanto processo humano. Em outras palavras, fenômeno turístico envolve elementos sociais, culturais, econômicos, psicológicos, políticos, históricos, entre outros (Beni e Moesch, 2017).

Logo, o turismo é rico pela sua subjetividade, podendo envolver diversos tipos de motivações para que o turista se afaste do seu cotidiano, nem sempre buscando apenas atividades de lazer ou negócios. No interior desse amplo espectro, surge o *Dark Tourism* enquanto um fenômeno global, no qual inúmeras pessoas se deslocam para conhecer uma vasta gama de locais, monumentos e atrativos que oferecem (re)apresentações da tragédia, da morte e do sofrimento.

O *Dark Tourism* tem se consolidado como uma prática comum em países desenvolvidos, com a visita a locais como as catacumbas de Paris e a cidade de Pompeia. Esses destinos, associados a eventos trágicos e marcantes da história, são transformados em memoriais que preservam a memória coletiva e servem como ferramentas pedagógicas. Através da experiência de visitar esses locais, os visitantes são convidados a refletir sobre o passado e a compreender as complexidades da história humana. No entanto, apesar do grande e amplo potencial de desenvolvimento de atividades turísticas relacionadas a espaços com memórias mórbidas, no Brasil, o segmento turístico ainda é tido como novo ou exótico, não recebendo atenção como atrativos de ecoturismo e sol de praia, por exemplo, recebem.

¹ Organização Mundial do Turismo

Com isso, o presente trabalho irá introduzir os conceitos de *Dark Tourism* aos principais atrativos do sudeste brasileiro, visando entender o histórico de cada local pesquisado, além de se debruçar sobre as formas como a memória influencia no potencial do atrativo. Por isso, os atrativos selecionados minuciosamente em uma das regiões mais turísticas do país, foram categorizados e relacionados aos critérios criados por Light (2017), buscando integrar os atrativos brasileiros aos moldes estrangeiros, de modo a comprovar o potencial dos atrativos brasileiros como atrativos de *Dark Tourism*.

Deste modo, fez-se necessária uma pesquisa crítica aos atrativos de *Dark Tourism* brasileiros e as memórias que estão sendo passadas pelo local, a aplicação de uma ética e humanidade aos casos, e a não comercialização banalizada e frívola da dor, de modo a gerar lucros e não ensinamentos para as futuras gerações.

A relevância do trabalho se revela ao entender um novo segmento potencial no Brasil, tanto em questão do histórico do local e seu potencial, mas também na área acadêmica, tendo em vista que os estudos e pesquisas sobre atrativos brasileiros *dark* começaram a surgir na metade da década passada, enquanto atrativos estrangeiros já são pesquisados desde o século passado. Além de comprovar a existência de um potencial do segmento turístico *dark* no país, já que na maioria dos guias internacionais de *Dark Tourism* o Brasil não é citado como um destino, como é o Atlas de destinos sombrios do escritor Peter Hohenhaus.

Com isso, o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho são:

Objetivo Geral

- Identificar, categorizar e analisar os atrativos de *Dark tourism* e *Dark heritage* no Sudeste brasileiro.

Objetivos Específicos:

- Realizar um levantamento bibliográfico (Healey e Healey, 2016), atualizado nacional e internacional sobre os conceitos de patrimônio cultural, *Dark Tourism* e *Dark Heritage*;
- Identificar e realizar o levantamento de dados, informações e fontes históricas (Meneses, 2013) sobre os principais atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* no sudeste brasileiro.
- Analisar os principais atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* no Sudeste, de acordo com as categorias pré-estabelecidas por Light (2017), visando

contribuir para a interpretação do patrimônio e o planejamento de um turismo consciente e responsável.

No próximo capítulo, será abordado o referencial teórico, que introduzirá os conceitos necessários para o entendimento da pesquisa como um todo. Logo em seguida, será a metodologia, para explicar como funcionou o processo da pesquisa, e quais passos foram seguidos para chegar aos resultados. Portanto, logo em seguida serão os resultados, onde serão apresentados os atrativos brasileiros e seus históricos, suas categorizações e a análise aplicada segundo os critérios de Light (2017). Por último, serão dadas as considerações finais sobre a pesquisa, resultado da interpretação e análise dos resultados baseados nos conceitos aplicados previamente.

2 PATRIMÔNIO CULTURAL

A vinculação do termo patrimônio aos valores da herança cultural na língua portuguesa se intensifica a partir do final do século XIX (Custódio 2010). Atualmente, compreende-se patrimônio como um conjunto de bens, tanto culturais quanto naturais, de valor reconhecido e protegido para as presentes e futuras gerações

Lowenthal (1998, p. 3) propõe uma concepção mais abrangente de patrimônio, ultrapassando a noção restrita de bens materiais herdados. O autor argumenta que o termo deve englobar também os legados culturais imateriais, como tradições, costumes e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. Essa perspectiva mais ampla, segundo Lowenthal, reflete a diversidade de formas pelas quais as sociedades valorizam e utilizam seu passado. A valorização do patrimônio cultural, ao fortalecer a identidade e a autoestima de grupos sociais, torna-se um elemento dinâmico e variável entre diferentes culturas e contextos históricos.

Graham et al. (2000) oferecem uma contribuição fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais envolvidas na construção e na disputa pelo significado do patrimônio. Ao investigarem como o passado é lembrado e representado, os autores evidenciam a natureza contestável e política da produção do conhecimento histórico. A classificação do patrimônio como um “domínio dotado de significado” revela a existência de conflitos sociais em torno da definição e da valorização dos bens culturais. Esses conflitos se manifestam nas disputas por memória, identidade e poder, e são particularmente evidentes em contextos de diversidade cultural e pluralidade de valores.

A obra de Françoise Choay (2001) oferece uma análise aprofundada sobre a evolução histórica do conceito de patrimônio, destacando a centralidade do monumento histórico nesse processo. A associação entre monumento e passado, como forma de construir uma ponte entre memória e conhecimento, é um dos pilares dessa concepção. No entanto, a noção de patrimônio transcende a dimensão estética e histórica, englobando uma vasta gama de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Leandro Brusadin (2015) aponta para a crescente diversificação das atividades relacionadas ao patrimônio, que vão além da mera preservação de bens materiais. No âmbito cultural, o patrimônio é valorizado por sua capacidade de gerar conhecimento, promover a criatividade e fortalecer a identidade cultural. A inclusão de bens intangíveis, como saberes tradicionais e práticas culturais, amplia ainda mais o espectro do patrimônio e o torna mais representativo da diversidade cultural. No plano político, o patrimônio desempenha um papel estratégico na construção de identidades nacionais e na legitimação de regimes políticos. A

utilização do patrimônio como instrumento de poder é um fenômeno histórico que se manifesta de diversas formas, desde a apropriação simbólica de monumentos até a criação de políticas públicas de preservação.

A relação entre patrimônio e economia é complexa e ambivalente. Por um lado, o patrimônio pode ser uma fonte de renda para as comunidades locais, através do turismo cultural e da produção de bens culturais. Por outro lado, a pressão econômica pode levar à mercantilização do patrimônio e à sua degradação. Como apontam Tunbridge e Ashworth (1996), o turismo cultural, embora possa contribuir para a divulgação e a preservação do patrimônio, também pode gerar impactos negativos, como a massificação e a banalização dos bens culturais. Teixeira-da-Silva (2019) aprofunda a análise das tensões entre preservação e uso do patrimônio no contexto do turismo. O autor destaca que, embora o turismo seja um importante vetor de divulgação do patrimônio, é fundamental que essa atividade seja desenvolvida de forma sustentável, evitando a degradação dos bens culturais e a perda de sua autenticidade.

3 EXPERIÊNCIAS VOLTADAS À MORTE (DARK HERITAGE E DARK TOURISM: UM DEBATEO TEÓRICO)

Em 2006, Stone apresenta ‘*Dark Tourism Spectrum*’, no qual o autor traz à tona a questão da intensidade dos atrativos relacionados à morte. Em sua figura, o autor categoriza uma escala do mais sombrio ao menos sombrio, e implica questões que instigam a variação do quão sombrio o atrativo é. Como por exemplo, um local verídico onde aconteceu algum incidente, em um curto período desde o evento, é considerado um atrativo mais sombrio do que um memorial em homenagem a um evento que ocorreu há um longo tempo. Deste modo, o espectro de turismo sombrio criado pelo escritor possibilitou uma abertura conceitual para explorar todos os tipos de atrativos relacionados à morte.

3.1 Dark Tourism

Dark Tourism são as viagens realizadas para lugares que guardam vínculo com a lembrança da morte, da destruição e de eventos catastróficos (Sharpley e Stone, 2009), e pode ser praticado tanto em destinos de natureza mórbida e precária quanto em grandes metrópoles ao redor do mundo. Além disso, essa memória trágica transmitidas nos atrativos permitem uma captação do negativo, fazendo com que o turista entenda que o evento traumático não deve se repetir no futuro. A memória associada a algo negativo é o fator que incentiva a viagem desses turistas. *Dark Tourism* (ou tanaturismo) atualmente é reconhecido como uma área de estudo multidisciplinar, incluindo a arqueologia, os estudos de patrimônio e o turismo, que buscam capturar (re)representações contemporâneas da morte. É um campo de estudo que nos permite examinar questões culturais, históricas e políticas, além de aprofundar nossa compreensão sociológica da morte, dos mortos e da memória coletiva. Embora possua diversas denominações², no presente artigo, o segmento será direcionado como *Dark Tourism*.

As diferentes formas como uma sociedade estabelece suas relações com/sobre a morte possui um forte vínculo com as representações culturais particulares da mortalidade. Representações essas que normalmente estão associadas ao patrimônio cultural e ao turismo, sendo que em diversas culturas existe o hábito de se deslocar para espaços e construções que possuem ligação com o fúnebre. Desde os viajantes que realizavam o *Grand Tour* em busca de ruínas e túmulos, até o crescente movimento por sítios associados à morte, ao desastre e ao macabro, o fenômeno do *Dark Tourism* (Stone, 2012; 2019) tem perdurado ao longo dos

² Dark Tourism pode ser traduzido como: tanaturismo, turismo sombrio, turismo negro, turismo macabro, turismo obscuro, turismo mórbido, entre outros.

séculos. Contudo, somente nos últimos anos que o *Dark Tourism* se tornou um verdadeiro fenômeno global, que tem levado muitas pessoas a evitar os destinos turísticos tradicionais em troca de viagens para antigos campos de concentração, zonas de guerra, locais onde ocorreram grandes tragédias, cemitérios, entre outros. Fatores que levam o *Dark Tourism* a implodir a definição simplista de turismo como forma de viagem de lazer/fruição.

Diversos pesquisadores têm se debruçado sobre as questões que levam milhares de pessoas a visitar sítios macabros e mórbidos. Rojek (1993) foi um dos primeiros a estudar as motivações que impulsionam as pessoas a visitar locais nos quais ocorreram um grande número de mortes. Posteriormente, Seaton (1996) cunhou o termo “tanaturismo” para tratar de viajantes que se deslocam total ou parcialmente motivados pelo desejo de encontros reais ou simbólicos com a morte. O autor ressalta que a contemplação da morte e o luto são práticas comuns em todas as sociedades, porém, o assunto tem se tornado mais proeminente no mundo hodierno, onde a morte se tornou um tabu. Foley e Lennon (1996) vão mais adiante e afirmam que o *Dark Tourism* é uma prática que revela a crescente ansiedade das pessoas frente às vertiginosas mudanças científicas, tecnológicas e políticas que o mundo atravessou nas últimas décadas.

Mesmo com ampla conceituação disposta sobre o tema, Sharpley e Stone (2009) destacam o baixo número de pesquisas relacionadas ao *Dark Tourism*, e a desvalorização do segmento no meio acadêmico. Além disso, destinos turísticos voltados à morte e o sofrimento abrem um grande leque de possíveis pesquisas relacionadas ao tema, como a memória e a sua utilização em memoriais para as próximas gerações, a organização do espaço, o entendimento da demanda, entre outros.

Análises anteriores do *Dark Tourism* enfatizaram os motivos modernos e pós-modernos desse novo turismo. Portanto, grande parte do trabalho que acompanha esse fenômeno se concentra em visitas a locais contemporâneos como Auschwitz ou Chernobyl. Contudo, é indubitável que tradicionais visitas ao Coliseu Romano e as peregrinações medievais a locais de mártires ostentavam uma conotação sombria, conforme sublinhado por diversos estudiosos. Embora reconheçamos que a história do *Dark Tourism* tem raízes históricas, também devemos admitir que essa prática não é homogênea e, que, locais diferentes significam coisas diferentes para visitantes e profissionais do turismo ao longo dos anos.

Sharpley e Stone (2009) apresentam em seu livro uma caracterização de alguns dos diferentes tipos de destinos *dark*, baseado em Dan (1998):

Figura 2: Divisões do Sombrio

<i>Locais Perigosos</i> Locais perigosos do passado e do presente	• Cidades de terror • Destinos perigosos
<i>Casas de Terror</i> Construções associadas à morte e terror, tanto verdadeiras como encenadas	• Masmorras da morte • Hotéis hediondos
<i>Campos de Fatalidades</i> Áreas/espços de recordação da morte, medo, fama e infâmia	• Campos de batalhas sangrentas • O inferno do Holocausto • Cemitérios de celebridades
<i>Tours de Tormento</i> Tours/visitas a atrações associadas à morte, assassinatos e caos	• Caos e assassinatos • Casos notórios atuais
<i>Thanatos Temáticos</i> Coleções/museus temáticos sobre a morte e o sofrimento	• Museus mórbidos • Monumentos à moralidade

Autor: Adaptado de Sharpley e Stone (2009, p. 11).

Os sítios onde a mortalidade é mediada e reconfigurada possibilitam uma interação com a temática da complexidade da morte, além de originar reflexões sobre o próprio indivíduo e a sociedade como um todo. Ou seja, o *Dark Tourism* proporciona um ambiente seguro e controlado no qual as pessoas podem conceber suas ideias sobre a mortalidade (Stone, 2006; Coutinho e Baptista, 2014). Embora o *Dark Tourism* como um termo científico possa ter sido imposto à indústria pela academia, destinos de turismo de morte e desastres em todo o mundo, muitas vezes, confundem a linha entre comemoração e comercialização.

Se o *Dark Tourism* nos permite explorar temas de dissonância e conflito, por outro lado, ele também permite a mercantilização moderna da morte e a venda de memórias trágicas em ambientes turísticos socialmente aceitos. Sharpley e Stone (2009) discorrem sobre a trivialização da memória nos destinos turísticos ao citar casos como o incêndio do barco SS Moro Castle, que deixou 137 vítimas fatais e se tornou atrativo turístico, iniciando um movimento de venda de souvenirs com formatos do barco e fogo. Com isso, é possível notar o modo em que o *Dark Tourism* pode reconfigurar o funcionamento de um espaço, e que as memórias trágicas do local poderão ser utilizadas para a geração de capital.

Além disso, é importante destacar o *Dark Tourism* como possibilidade de evocação dos acontecimentos passados a partir de um certo ponto de vista, dando abertura à memória coletiva para a assimilação dos fatos ocorridos no passado.

Desse modo, pode-se dizer que o *Dark Tourism*, em suas diversas formas, oferece significados visuais e uma multiplicidade de sentidos sobre paisagens que guardam os testemunhos de tragédias e atrocidades. Locais onde o turista pode catalisar sentimentos de compaixão e empatia pelas vítimas, ou de questionamento e revolta pelo acontecimento histórico contextualizado através da memória transmitida nesses espaços. Nesse sentido, um itinerário profícuo para as pesquisas que se debruçam sob a temática do *Dark Tourism*, deve recair ante o reconhecimento da importância desses patrimônios inoportunos e desagradáveis, para buscar compreender traumas históricos que perturbam a consciência coletiva.

3.2 Dark Heritage

O *Dark Tourism* pode ser entendido como um mediador de experiências vinculadas à vida e à morte. Seus atrativos são compostos por comemorações, referências históricas, legados narrativos e atrações culturais que compõem atualmente uma grande parte do que conhecemos como patrimônio cultural. A origem do chamado *Dark Heritage* se desenvolveu a partir do campo de estudos do *Dark Tourism*, envolvendo locais associados à morte, à desastres e ao sofrimento.

O desenvolvimento e a interpretação de qualquer forma de *Dark Heritage* – bem como do patrimônio em geral – é o resultado de interações e pressões complexas entre partes interessadas e grupos de interesse, vinculados a elementos portadores de referência à identidade, à ação e à memória. O patrimônio em si é um terreno contestado, permeado por ideologias, interpretações, politização e financiamentos conflitantes, que sempre colocam em risco a busca da “precisão” histórica. Na verdade, definir patrimônio, muito menos concordar com verdades e histórias verificáveis, sempre será um trabalho árduo.

Foley e Lennon (1996) podem ser usados como exemplo quando destacam a ampla quantidade de documentações relacionadas ao assassinato e a vida do ex-presidente John F. Kennedy em 1963, que estão espalhadas em memórias por diferentes estados dos Estados Unidos, o que corroboram com o pensamento de Halbwachs (1990) sobre ter a lembrança de um fato ocorrido através do meio em que a pessoa está inserida. Sendo assim, os memoriais criados em homenagem ao ex-presidente visam “lembrar” as novas gerações sobre o ocorrido em 1963. No entanto, a criação dos mesmos se depara com a questão ética proposta por Stone

e Sharpley (2009), pois a família do político não foi incluída nas construções que geraram mais de 3.8 milhões de dólares, pois não adotavam as memórias voltadas somente ao crime ocorrido, além disso, o único memorial em que a família se apoiava é o “The Kennedy Library”, que trata sobre toda a trajetória do presidente, não somente a morte dele. Sendo assim, os chamados *Dark Heritages* conversam com o conceito de *Dark Tourism*, não somente ao relacionarem-se com a morte e desastre, mas também com a questão da memória e ética.

Embora os estudos de *Dark Heritage* tenham inicialmente dado ênfase à morte como temática chave, é inquestionável que reduzir o significado desse tipo de patrimônio a uma mera atração pelo mórbido e pelo macabro seria uma análise demasiadamente simplista. Efetivamente, uma das vantagens potenciais do conceito de *Dark Heritage* é justamente permitir a busca por valores patrimoniais – ou seja, porque e como o passado se mostra relevante no presente – para além das estruturas clássicas do pensamento patrimonial. Compreender as razões subjacentes à atração pelo *Dark Heritage*, contudo, consiste em um tópico recorrente e desafiador nos estudos do *Dark Tourism* e *Dark Heritage*.

Todavia, os locais associados a memórias negativas nem sempre são atrativos de *Dark Tourism*, podendo variar a partir dos desejos do turista e do local em si. Em consonância com essa perspectiva, Stone (2006) concebeu uma escala de sítios de *Dark Heritage*, que pode simplificar a compreensão do turismo praticado nesses locais e suas motivações, classificando-os desde o mais sinistros (recente tragédia, alta autenticidade e preservação da memória, pouca infraestrutura turística, voltado para a história e locais de dor e sofrimento) até o menos sombrios (longa distância temporal da tragédia, pouca autenticidade e preservação comercial, boa infraestrutura turística, focado na herança e nos locais associados à dor e sofrimento). Em suma, nem todos os lugares que carregam o peso da dor e do sofrimento são atrativos para os turistas *dark*, pois dependendo do sítio em que se encontra, o local pode ser ressignificado, enquanto outros podem conservar a memória para atrair esse tipo de turista sombrio (Biran; Poria; Oren, 2011).

Dark Heritage é um termo que busca expandir o escopo dos estudos do patrimônio e diversificar os sentidos desse campo, reconhecendo que o patrimônio é polissêmico, controverso e frequentemente problemático (Thomas et al., 2022). Elementos que ajudam na conscientização de que o patrimônio cultural também está associado a questões controversas, que envolvem a poluição do meio ambiente, desigualdade social, pobreza e outros problemas socioeconômicos, muitas vezes correlacionado à manutenção e preservação dos bens patrimoniais.

Existem vários termos que estão intimamente ligados ao *Dark Heritage*, incluindo “patrimônio sombrio” (Roberts e Stone, 2014), “patrimônio negro” (Kamber et al., 2016, Simone-Charteris et al., 2013), “patrimônio dissonante” (Tunbridge e Ashworth, 1996), “patrimônio difícil” (Knudsen, 2011, Logan e Reeves, 2009); “patrimônio contestado” (Thomas et al., 2016), “patrimônio sensível” (Magee e Gilmore, 2015), “patrimônio negativo”, “patrimônio da dor” (Sather-Wagstaff, 2011), entre outros. Devido a essa dificuldade em cunhar uma tradução precisa e não pejorativa, escolheu-se por utilizar o termo em inglês.

O *Dark Heritage* tem sido objeto de análise por diversos pesquisadores, contudo, é frequentemente caracterizado por uma base teórica frágil, uma vez que a quantidade limitada de estudos direcionados a esse tópico e sua amplitude são fatores destacados na literatura (Biran; Poria; Oren, 2011). Nessas circunstâncias, o conteúdo e a interpretação narrativa associados a esse patrimônio adquirem uma relevância crítica substancial para a compreensão de um passado compartilhado.

4 METODOLOGIA

No primeiro momento, a metodologia utilizada teve cunho exploratório, que segundo Gil (2002) e Dencker (2000), permite um amplo conhecimento do assunto, gerando possibilidade de entendimento das possíveis soluções que podem ser aplicadas ao problema. Para isso, foi utilizada a revisão bibliográfica, através da leitura de revistas, artigos e livros sobre o *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, além de captar seu funcionamento e atrativos no Brasil e no mundo, assim como seu cenário na academia, a fim de compreender o objeto de maneira ampla (Gil, 2002).

Para a seleção dos atrativos sombrios que foram tratados na pesquisa, a primeira questão foi a localização dos atrativos, sendo selecionada a região sudeste do Brasil por sua forte potência turística no país, sendo Rio de Janeiro e São Paulo alguns dos destinos mais desejados por turistas, segundo o Ministério de Turismo. Outrossim, foi realizado um levantamento de dados através da Scielo e Google Acadêmico, priorizando artigos preferencialmente publicados a partir de 2014. A base de dados das fontes citadas acima permite acesso a um estoque robusto de conhecimento científico, dos mais variados segmentos, possibilitando a construção de um referencial teórico forte (Gusenbauer, 2019). Para encontrar os artigos correspondentes ao tema buscado, foram utilizados os descritores ‘*dark tourism*’, ‘*dark heritage*’, ‘patrimônios difíceis’, ‘turismo sombrio’, ‘turismo tétrico’ e ‘tanaturismo’, a fim de localizar artigos que traziam o núcleo voltada ao segmento desejado (Leite e Huguenin, 2005). Deste modo, utilizando os dados obtidos na bibliografia encontrada, foram selecionados alguns dos atrativos mais citados, por conseguinte, a partir da pesquisa sobre os atrativos vistos, foram descobertos mais atrativos que assemelhavam aos anteriores ou/e a temática buscada. Dessa maneira foram encontrados novos atrativos semelhantes na região estudada, através da pesquisa em sites e blogs especializados.

Além disso, também foi feito o contato direto com empresas que trabalham/trabalhavam diretamente com o segmento turístico sombrio em São Paulo, a fim de buscar recomendações e referências de atrativos mais aderidos dos turistas. Foram contatadas as empresas “*Graffit Viagens e Turismo*” e a empresas “*SP Haunted Tour*” e seus trabalhos, permitindo um entendimento do funcionamento da instituição e os *tours* oferecidos. A partir dos atrativos visitados nos *tours* organizados pelas duas agências, foi possível selecionar alguns dos principais atrativos de *Dark Tourism* presentes no sudeste do Brasil (Capela dos Aflitos, Casa

da Dona Yayá, Castelinho da Rua Apa, Cemitério da Consolação, Edifício Praça da Bandeira e Edifício Martinelli).

A seleção dos atrativos do Sudeste Brasileiro foi ampla. Após a captação e interpretação dos mesmos segundo os conceitos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, foi possível selecionar 19 atrativos para pesquisa, e remover outros atrativos que não correspondiam às premissas atuais do *Dark Tourism* e *Dark Heritage*. Foram removidos atrativos associados a lendas sem comprovação científica, como a Praia dos Padres, em Guarapari – ES. Foram também removidos atrativos considerados não éticos, ao vender um contato com o trágico, mas sem enriquecer o turista sobre a memória, como o Museu do Escravo – MG. A seleção também foi um fator decisivo para a seleção dos locais, pois após a pesquisa, os atrativos do Espírito Santo foram removidos. Deste modo, mesmo com a falta de um estado na pesquisa, ainda se relaciona ao Sudeste Brasileiro ao todo, pois a falta de existência de locais de memória trágica no Espírito Santo abre portas para perguntas em futuras pesquisas.

Após a realização da pesquisa da pesquisa exploratória bibliográfica sobre *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, a seleção da região e dos atrativos, o próximo passo realizado foi a classificação das atrações, buscando organizar e segmentar o tipo de *Dark Tourism* e/ou *Dark Heritage* presente na região, a fim de comprovar a existência desses segmentos no Brasil.

Os atrativos encontrados foram classificados com base em Light (2017), que adaptou a tabela de divisões do “sombrio” criada por Sharpley e Stone em 2009. A tabela elaborada pelo autor foi ajustada para pactuar com o cenário dos atrativos localizados no sudeste brasileiro. Deste modo, foi-se alterada a aplicação da tabela, que originalmente utilizou as subdivisões do segmento de *Dark Tourism* para contabilizar os autores relacionados naquela especificidade, para uma categorização dos atrativos do sudeste brasileiro em si. Buscou-se, assim, identificar quais dos subgrupos do segmento que se encaixam com as ofertas sombrias no cenário brasileiro. Sendo assim, para ampla categorização, foram utilizados os segmentos citados por Light (2017) originalmente (exceto às linhas específicas, como ‘*Communism in East-Central Europe and its legacy*’, ‘*Ground Zero, New York*’, ‘*Chernobyl*’, ‘*Ghost walks/tours*’, ‘*Body worlds’ exhibition*’, ‘*Entertainment-based dark tourism sites*’ e ‘*Multiple types of site*’), para integração dos atrativos brasileiros na tabela criada pelo autor.

Foram utilizadas as seguintes subdivisões propostas por Light (2017):

Tabela 1: A gama de locais que são o foco da pesquisa em turismo obscuro e *thanaturismo*, 1996-2016

Tipos de Atrativos	Número de estudos
Locais associados a guerra/conflito (incluindo campos de batalha e cemitérios de guerras)	48
Locais associados ao Holocausto (incluindo campos de concentração, campos temporários e memoriais do Holocausto)	17
Locais associados a prisões/aprisionamento (incluindo centros de detenção e prisões de guerra)	13
Locais associados a genocídios (Bósnia, Ruanda e Cambódia)	11
Locais associados à escravidão e ao mercado de escravizados do atlântico (Oeste da África, Estados Unidos e Europa)	11
Zonas de conflito/locais perigosos contemporâneos	11
Locais associados a desastres naturais	8
Cemitérios (excluindo cemitérios de guerra)	7
Locais associados a assassinatos individuais ou em massa (não relacionados a um cenário de guerra)	6
Locais de morte de pessoas famosas	2

Autor: Adaptado de Light (2017, p. 280).

Apesar da utilização das subdivisões propostas pelo autor em sua análise sobre as pesquisas realizadas nos mesmos, foi necessária a realização de uma adaptação da lista para o sudeste brasileiro. A presente pesquisa evidencia uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre o turismo sombrio no Sudeste Brasileiro. Embora o tema se enquadre nas categorias propostas por Light, o número de estudos dedicados especificamente aos atrativos turísticos sombrios dessa região é insuficiente para uma análise aprofundada e a produção de conhecimentos relevantes sobre o segmento.

Ademais, foi criada uma tabela baseada na de Light (2017), que abrange questões do cenário de turismo sombrio brasileiro e de mundial, e aplicada a categorização de dados qualitativa, através dos segmentos prévios propostos na tabela, possibilitando averiguar a quantidade de atrativos para cada segmento (Gil, 2002). Deste modo, foram retirados tópicos que se referiam especificamente ao *Dark Tourism* no exterior, como o *Ground Zero* e Comunismo na Europa. A tabela foi adaptada de modo que os atrativos brasileiros pudessem se encaixar em todas as categorias gerais propostas pelo autor.

Por fim, realizou-se uma análise crítica dos atrativos turísticos sombrios, embasada nas discussões propostas por Light (2017) sobre o *Dark Tourism*. A pesquisa abordou tópicos como ética, política, experiência do visitante, identidade de grupos, gestão e consumo, buscando identificar particularidades e interseções entre esses elementos nos diferentes atrativos analisados. A seleção de exemplos emblemáticos permitiu aprofundar a compreensão de como cada atrativo se insere nesse complexo universo do *Dark Tourism*. Os exemplares selecionados para cada tópico da análise se referem a um exemplo de como a discussão pode ser trazida ao atrativo. Como por exemplo positivo e negativo, ou diferentes interpretações sobre a discussão.

5 DARK HERITAGE E DARK TOURISMO NO SUDESTE BRASILEIRO

Segundo Neves (2024), há uma tendência mercadológica de incentivar o *Dark Tourism* através da mídia, como é feito na série documental ‘Turismo Macabro’ de 2018 da Netflix, que mostra diversos atrativos de *Dark Tourism* ao redor do mundo, assim como na série Chernobyl de 2019 da HBO, que conta a história da explosão da usina nuclear na Ucrânia.

Sharpley e Stone (2009) chamam a atenção para o fato de que a atração do turismo sombrio não reside apenas na visita a locais associados à morte, mas, sobretudo, na possibilidade de os turistas vivenciarem experiências que os coloquem em contato direto com a finitude humana. Essa busca por experiências limite é uma característica marcante desse tipo de turismo e revela a complexidade das motivações que levam as pessoas a visitar esses locais.

Em estudo realizado por Coutinho e Baptista (2014), constatou-se uma atitude mais negativa entre brasileiros em relação a experiências turísticas que envolvem a morte, quando comparados a indivíduos de outras nacionalidades. Essa particularidade cultural brasileira pode atuar como um fator determinante na decisão de um turista brasileiro de participar ou não de atividades turísticas que exploram temas mórbidos.

Contudo, na região sudeste do país, é possível se deparar com diversos atrativos turísticos relacionados à morte. Muitos deles se localizam em capitais e/ou regiões metropolitanas, o que corrobora com a fala de Sharpley e Stone (2009) e abre novas perspectivas para a realização de *Dark Tourism* pelos turistas que já estão no local. Desse modo, nos itens a seguir, serão identificados e analisados os principais atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* encontrados no sudeste brasileiro

4.1 Cais do Valongo – RJ

A escravidão africana, um dos mais sombrios capítulos da história mundial, marcou profundamente a formação social do Brasil, perdurando por mais de três séculos. O Atlântico, nesse contexto, funcionou como um imenso corredor de tráfico humano, conectando o continente africano às Américas e impulsionando o desenvolvimento de complexas redes transoceânicas. O Brasil, em particular, emergiu como o principal destino dos africanos escravizados, recebendo mais de 40% do total de pessoas aprisionadas e trazidas à força para o Novo Mundo. A cidade do Rio de Janeiro, como principal porto de entrada, desempenhou um papel central nesse trágico comércio, moldando a identidade cultural e social do país.

O Cais do Valongo no século XIX foi o local que mais desembarcou africanos escravizados do mundo. Os cativos desembarcavam no local, os que não conseguiam sobreviver ao transporte insalubre, eram enterrados no Cemitério dos Pretos Novos³, designado justamente para os africanos recém-chegados que jaziam logo após o desembarque. Já os sobreviventes eram expostos na rua do Valongo, que ia desde o cais até as extremidades do nordeste da cidade. A rua era um grande mercado de escravos, nos quais os africanos eram expostos para que as pessoas os comprassem (Walsh, 1828-1829).

Doze anos após a proibição do tráfico transatlântico (1843), o Cais do Valongo foi aterrado para receber a Princesa das Duas Sicílias e de Bourbon-Anjou, Teresa Cristina⁴, que logo após recebeu o nome de Cais da Imperatriz.

Figura 1: Cais do Valongo



Fonte: IPHAN, [20--]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/#:~:text=Principal%20porto%20de%20entrada%20de,9%20de%20julho%20de%202017>. Acesso em: 04 de outubro de 2024

O Cais da Imperatriz foi aterrado em 1911, no entanto em 2011, em escavações realizadas no processo de construção do Porto Maravilha, foram encontrados milhares de objetos relacionados a vestimentas e rituais religiosos. A equipe arqueológica do local constatou que era um cais de pedra da antiga praia do Valongo. Segundo o IPHAN, a Prefeitura do Rio

³ “Pretos Novos” ou “Boçais” eram as nomenclaturas pejorativas dadas aos negros escravizados recém-chegados da África no Brasil quando desembarcavam no porto.

⁴ Esposa do Imperador Dom Pedro II.

de Janeiro transformou o espaço em monumento preservado e aberto à visitação pública a partir de sugestões das Organizações dos Movimentos Negros.

No dia 9 de julho de 2017, o Cais do Valongo passou a integrar a Lista de Patrimônios mundiais da UNESCO, pela sua importância histórica e de resistência cultural e política da população negra a uma longa história de violência e exclusão (Lima, 2018).

4.2 Capela Nossa Senhora dos Aflitos e Igreja Santa Cruz dos Enforcados – SP

A Capela Nossa Senhora dos Aflitos, conhecida popularmente como Capela dos Aflitos, foi construída em 1779, no mesmo espaço que era o cemitério dos “malditos”, pois eram enterrados os negros escravizados, indígenas, pobres e condenados à força. O local sempre foi considerado para execução de barbáries, tendo em vista que em 1775 foi assentado o patíbulo⁵ no bairro para a punição e execução, pois o local era visível em todos os quadrantes da cidade.

São Paulo, que fora uma das três maiores províncias cafeeiras do país, teve que lidar com as rebeldias e as insubordinações de negros/negras e indígenas, que como resposta aos reveses que causavam as autoridades locais, tiveram seus corpos punidos, suas vidas ceifadas, suas histórias e memórias silenciadas. O Cemitério dos Aflitos, lugar onde eram despejados os desprezíveis, formaria o território dos excluídos (Portela, 2024, p. 04).

Em 1821, Francisco José das Chagas, também conhecido como Chaguinhas, um cabo negro que se rebelou ao Primeiro Batalhão de Santos e seu companheiro Joaquim José Cotindiba, lideraram um motim que cobrava o pagamento da remuneração militar da época. Ambos foram considerados culpados e condenados à morte. A execução foi realizada na praça da liberdade, sendo Joaquim o primeiro executado na força. Em seguida, no momento da execução de Francisco Chagas, a corda se rompeu três vezes, resultando em uma execução no solo, pois a vítima havia sobrevivido à força. O público, no entanto, teria clamado pela liberdade de Chaguinhas, relutando a palavra ‘Liberdade’ para a liberação do prisioneiro.

A partir da morte de Francisco José, criou-se um motim de fiéis que consideravam Chaguinhas como um santo, tendo um cruzeiro localizado nos pés da força onde havia sido executado. O seu corpo foi encaminhado ao Cemitério dos Aflitos. Em 1885, o Cemitério dos Aflitos foi desativado e loteado, em decorrência da mudança do governo absolutista português para um governo liberal que havia também acabado com o paiol e a força da liberdade (Sevcenko, 2004).

⁵ Palanque ou estrado montado em local aberto para, sobre ele, executar condenados

Com a expansão do bairro da Liberdade em São Paulo e a gentrificação do local, os fiéis de Chagas erguiam a Santa Cruz dos Enforcados como meio de bloquear as obras no local. Deste modo, em 1891, foi criada a Igreja Santa Cruz dos Enforcados, buscando vinculá-la à Chagas.

Já a Capela dos Aflitos, após o fechamento do cemitério, ainda estava localizada em um local rodeado de cadáveres e histórias mórbidas, mas devido à situação em que o bairro da Liberdade se localizava, sob interesses de negócios, a igreja foi se asfixiando dentro de um processo de expansão. Foi a União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA) que iniciou a articulação no processo de preservação do local e a criação de sítio arqueológico relacionado ao antigo cemitério.

Atualmente, ambos locais representam o triste passado do Brasil, em uma época em que a brutalidade intimidava e oprimia os que não correspondiam à elite. No entanto, com a alta demanda gerada a partir dos anos 1960, a cultura oriental sendo aplicada como tradicional no local gerou um apagamento da história trágica, mas verdadeira do local.

Figura 2: Capela dos Aflitos



Fonte: ARTE FORA DO MUSEU [20--]. Disponível em <https://arteforadomuseu.com.br/capela-dos-aflitos/>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

Figura 3: Igreja Santa Cruz dos Enforcados



Fonte: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO [20--]. Disponível em: <https://www.arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/igreja-santa-cruz-das-almas-dos-enforcados>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

4.3 Casa de Dona Yayá -SP

Sebastiana Mello Freire, mais conhecida como Dona Yayá, nascida em 21 de janeiro de 1887, foi uma mulher da alta sociedade brasileira que residia na cidade de São Paulo. Filha de Manoel de Almeida de Mello Freire e Josephina Augusta de Almeida Mello, era a mais nova dos cinco filhos do casal dono de terras e importância política em Mogi das Cruzes. Em 1900, os pais de Sebastiana morreram, deixando sua fortuna para ela e seu irmão, tendo em vista que seus outros dois irmãos haviam falecido durante sua infância. Cinco anos após o falecimento dos pais, seu irmão comete suicídio em uma viagem de navio, restando somente Yayá da família de sete membros. Com o falecimento de seus pais, Sebastiana, com 14 anos, ficou sob tutela de Manoel Joaquim de Albuquerque, político liberal de São Paulo, recomendado pelo seu pai em testamento. Apesar de sua triste história, depoimentos relatam que Yayá era uma pessoa alegre e generosa, frequentou o colégio da elite paulistana da época e até viajou para a Europa com suas amigas no período da Primeira Guerra Mundial.

Em 1919, devido a sinais de desequilíbrio emocional, ficou um ano internada em hospitais psiquiátricos, até que seu curador a recomendou prosseguir seu tratamento em casa para maior conforto, sendo levada ao bairro do Bexiga⁶, que na época era afastado da cidade de São Paulo, onde ficou mantida até o momento de sua morte, em 04 de setembro de 1961.

⁶ Atualmente conhecido com 'Bixiga', bairro que não há divisão administrativa existente, localizado dentro das delimitações do bairro Bela Vista

A chácara em que Yayá morou durante os últimos anos de sua vida fora construída no final do século XIX, e abrigou famílias da elite paulistana por anos, sendo adaptada para a época e suas mutações durante o período de residência de cada família, sendo a última Sebastiana, que teve a casa alterada para se encaixar aos moldes que a cidade havia tomado, e resguardos médicos (França, 2022).

Segundo França (2022), o método de diagnóstico de distúrbios psicológicos de Sebastiana se relaciona com a história da psiquiatria em que buscava moldar a civilidade brasileira para os modos europeus. Deste modo, a moral presente na Europa na época se relacionava com o modo em que a psiquiatria diagnosticava seus pacientes. Dona Yayá, por não ser casada, ser rica e não ter filhos, não correspondia com o papel do gênero feminino deveria exercer da época, sendo um fator decisivo para a considerar a conclusão médica que tirou toda a identidade de Sebastiana.

Figura 4: Casa da Dona Yayá



Fonte: Enio Prado – Google Fotos (2024). Disponível em: <https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPU8aAchrG7New1bBUq4LhvPMBi3voRltKOhBzf=s680-w680-h510>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

Em sua obra “Loucura, Gênero Feminino: As Mulheres de Juquery na São Paulo do Início do Século XX”, Maria Clementina Pereira Cunha relata sobre cenários iguais aos de Sebastiana. Ou seja, de mulheres que foram consideradas fora de suas capacidades mentais pela psiquiatria da época, por não corresponderem à função de seu gênero, pois eram independentes e solteiras. O que enfatiza o caso de Dona Yayá e a direta influência da moral europeia em seu diagnóstico.

Após diversas especulações sobre a vida de Sebastiana, atualmente sua casa está sobre posse da Universidade de São Paulo (USP) e sedia seu Centro de Preservação Cultural (CPC), órgão relacionado à reitoria da universidade e que foi responsável pela restauração e manutenção do local. O espaço atualmente é utilizado para a realização de eventos, visitas e exposições.

4.4 Castelinho da rua Apa – SP

Segundo Santos (2012), os *dark* turistas dos anos de 2001 a 2012 tiveram um retorno positivo sobre o Castelinho da rua Apa, pois a grande curiosidade gerada aos visitantes e aos curiosos/interessados em atividades paranormais, se tornou um atrativo essencial para a visita no local.

Localizado na rua Apa, nº 236, o Castelinho foi construído em 1912 inspirado por um formato medieval, tendo sido arquitetado por uma das famílias da aristocracia paulistana na época, da linhagem César Reis. A família era abastada por conta de terrenos no bairro Pacaembu e pelo cinema ‘Broadway’ que se localizava na avenida São João. A família era composta pelo pai, Virgílio Cesar Reis, pela mãe, Maria Cândida dos Reis, e pelos filhos, Armando e Álvaro Cesar Reis.

Após o falecimento de Virgílio em março de 1937, o filho Armando ficou responsável pelas finanças da família. No entanto, dois meses após a morte do pai, os filhos entraram em severas discussões, colocando a mãe, Maria Cândida, em uma posição de mediadora. Rodrigues *et al.* (2013), apresenta a gestão dos negócios da família como a razão das brigas dos irmãos. Em uma dessas discussões, os irmãos apontaram revólveres um para o outro, enquanto Maria tentava apaziguar a situação, no entanto, na mesma noite, Álvaro teria alvejado sua mãe e irmão, e cometendo suicídio logo após.

Segundo Bayer (2016), os corpos foram encontrados pela cozinheira da rica família, que acionou a polícia, o que começou a grande repercussão do caso. A polícia técnica que investigou o caso apontou Álvaro como assassino, já os legistas apontaram que Armando teria efetuado os tiros, pois havia pólvora em seus dedos. O corpo de Maria Cândida fora atingido com três tiros,

duas pela arma encontrada no local, e um por uma nunca vista. O que abre a possibilidade de uma quarta pessoa, responsável pelos assassinatos, tendo em vista que o suicídio cometido por Álvaro com dois disparos em seu coração não é comum. Apesar das indagações e dos mistérios sobre o caso, Álvaro foi considerado culpado pelo matricídio e fratricídio.

Em 1996, por falta de herdeiros diretos do Castelinho, ele foi cedido à ONG Clube de Mães do Brasil e tombado como patrimônio histórico e cultural em 2004. Porém, a casa da família César Reis sempre foi cercada por insinuações do caso e sobre o estado do local. Com um histórico trágico, arquitetura medieval e local abandonado, começaram a surgir boatos sobrenaturais ao redor do local, com relatos de pessoas que teriam ouvido vozes vindas do Castelinho.

Em 2015, a dupla conhecida como casal de caça-fantasmas brasileiro, Rosa Jaques e João Tocchetto visitaram o Castelinho para averiguar as atividades sobrenaturais do local. Em seu livro ‘Caça-fantasmas Brasileiros’, o casal relata sobre a experiência vivida no local, apresentando situações que ocorreram durante a visita, como comunicação com Maria Cândida, confirmação de uma quarta pessoa no momento do crime e uma forte energia de raiva presente. Segundo os autores, o Castelinho da Rua Apa foi considerado o local mais assombrado do Brasil.

Segundo a Prefeitura da Cidade de São Paulo, atualmente, apesar do estigma que cerca o local, o castelinho foi revitalizado e serve como cede para a ONG Clube de Mães Brasil, que atende pessoas em situação de rua no local.

Figura 5: Castelinho da Rua Apa



Fonte: Bruna Carvalho – Governo do Estado de São Paulo (2017). Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/noticias/232799#:~:text=O%20im%C3%B3vel%20ficou%20abandonado%20e,declarado%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Cultural. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

4.5 Cemitério da Consolação – SP

Apesar de sua fundação em 15 de agosto de 1858, a discussão sobre a criação de um cemitério público na cidade de São Paulo iniciou-se no final do século XVIII, quando os higienistas diziam que o sepultamento de corpos – que na época ocorria nas igrejas em virtude do amplo poder da igreja católica e a crença de que os corpos enterrados perto dos santos seriam encaminhados pela luz – seria perigoso a saúde, e a exposição e o manuseio de cadáveres nesses locais seriam fatores que desencadeariam epidemias na cidade.

Em 1829, o vereador Joaquim Antônio Alves Alvim criou a proposta da criação de um cemitério público em São Paulo e após quase 30 anos, o cemitério iniciou suas construções, tendo sua localização perto da Paróquia da Consolação. Essa estratégia foi adotada pois era uma região afastada da cidade, com uma altitude e fluxo de ventos favoráveis.

Foi quando a Marquesa de Santos contribuiu para o financiamento da construção do cemitério em meio a uma epidemia de varíola na cidade que o cemitério foi inaugurado em 1858. Por ser o primeiro cemitério e único da cidade, o alto fluxo de sepultamentos chegou a 480 corpos por mês, obrigando a construção de mais dois cemitérios, o do Brás e o do Araçá. (Pereira e Limberger, 2020).

A partir da construção de novas necrópoles⁷, inicia-se um processo de elitização do Cemitério da Consolação, pois o cemitério em que antes eram sepultadas todas as classes, agora seria alvo da aristocracia paulista, período chamado de Belle Époque paulistana, quando as famílias contratavam escultores para criarem estátuas e mausoléus que expressassem os grandes feitos do jazido. Com o passar dos anos, diversas personalidades da mídia foram sepultadas na necrópole, atraindo diversos visitantes para conhecer o local e a arte tumular.

O Cemitério da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo são tombados como bens culturais de interesse artístico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Resolução SC 81 de 30/07/2014 – CONDEPHAAT, 2014).

Atualmente, o Cemitério da Consolação recebe visitantes de todos os lugares para conhecerem o local. Os interesses variam entre a arte tumular, personalidades famosas, educação e locais associados à morte. No entanto, a experiência de visitar o Cemitério é pessoal para cada visitante, pois há um amplo leque de experiências disponíveis no local (Pereira e Limberger, 2020)

Figura 6: Cemitério da Consolação



Fonte: Acervo do autor (2024).

4.6 Edifício Praça da Bandeira – SP

⁷ Cripta. Local onde se enterram cadáveres.

O atual Edifício Praça da Bandeira é cercado de memórias trágicas, sendo um dos principais motivos das visitas de turistas. Em uma viagem com sua mãe e suas duas irmãs, Paulo Ferreira de Camargo volta sozinho, relatando para a família que se envolveram em um acidente e que foi o único sobrevivente. Pela ausência de velório e sepultamento, a família e a polícia não se convenceram da história e decidiram investigar. No dia 04 de novembro de 1948, os policiais descobriram um poço criado por Paulo Camargo que continha três cadáveres de cabeça para baixo. O Assassino, ao se ver cercado, pediu licença aos policiais para ir ao banheiro e lá se suicidou. O conhecido ‘crime do poço’ está localizado na mesma quadra que um dos casos mais famosos do Brasil, o incêndio do Edifício Joelma.

Viestel (2012), em sua obra de história oral, conta sobre o desastre ocorrido em 01 de fevereiro de 1974 e o configura como momento de fragilidade, de grande comoção e apelo. Inaugurado em 1971, o Edifício Joelma, atualmente denominado como Edifício Praça da Bandeira, se deparou com um terrível incêndio que chamou a atenção de todo o mundo. Devido a um curto no ar-condicionado, por volta das 08h45 iniciou-se um incêndio no 12º andar do prédio, que se alastrou rapidamente por conta da grande presença de madeira e materiais flamejantes nas mobílias do edifício.

Viestel (2012) destaca em seu texto sua experiência como filho do responsável do estacionamento do empreendimento, que acordou com a notícia de que um carro havia pegado fogo, mas ao chegar no local, se deparou com um prédio inteiro em chamas. Lembranças dos sobreviventes do incidente evidenciam a situação de extremo perigo, como Mauro Ligere Filho, que em relato para a CNN Brasil afirmou que sua única opção era pular do parapeito, pois se ficasse no prédio, iria morrer asfixiado.

O incêndio no Edifício Joelma deixou 181 vítimas fatais e mais de 300 feridos. O acontecido mobilizou a cidade, destacando o despreparo para essa situação de urgência, tendo em vista que quando as primeiras viaturas dos corpos de bombeiros chegaram, diversas pessoas já haviam saltado do prédio.

Após uma reforma, o edifício reabriu suas portas como Edifício Praça da Bandeira, e atualmente carrega o estigma de mal-assombrado, pela ocorrência de diversas mortes no local devido ao incêndio e pela brutalidade do ‘crime do poço’.

Figura 7: Edifício Praça da Bandeira



Fonte: A vida no centro (2019). Disponível em: https://avidanocentro.com.br/o_que_fazer/lugares-mal-assombrados-centro-sp/attachment/edificio-joelma-ed-praca-das-bandeiras/. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

4.7 Edifício Martinelli – SP

O Edifício Martinelli está localizado no centro da cidade de São Paulo sendo seu nome uma homenagem ao Conde Giuseppe Martinelli, empresário ítalo-brasileiro que idealizou e projetou a construção do prédio. Assinado pelo arquiteto William Fillínger, o projeto visava a construção de um edifício de até 18 andares. No entanto, em 1929, ao ser anunciado que o Edifício A Noite do Rio de Janeiro era o maior do Brasil, foi inaugurado o Edifício Martinelli, com 90% de sua construção pronta, visando provar a efetividade de alta tecnologia de São Paulo. Em 1934, com 30 andares totais, o Edifício Martinelli foi finalmente finalizado, ultrapassando o tamanho do edifício no Rio de Janeiro.

Foram necessários 600 operários e 90 artesãos para a construção do edifício que acabou se tornando um arranha-céu para a época. Fato que assustou a população que acreditava que o mesmo poderia cair a qualquer momento, devido ao mito da instabilidade do prédio. Quando inaugurado, o Edifício foi sede de diversos eventos, casas noturnas, museu da cidade e até armamentos aéreos do governo da época.

Figura 8: Edifício Martinelli



Fonte: Galeria da Arquitetura [20--]. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/paulo-lisboa/edificio-martinelli/898>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.

Apesar de encabeçar o projeto, Martinelli teve posse do edifício até 1933, quando perdeu sua posse para o governo italiano, pois havia feito uma dívida por conta da crise de 1929 e da longa duração da obra. Ao perder a posse do edifício, ele ficou abandonado por décadas, se tornando praticamente um cortiço, onde aconteciam diversos crimes e despejo de lixo. Em 1965, de acordo com a opinião de alguns policiais, uma mulher havia sido torturada e jogada pela janela do edifício depois de morta, o que gerou grande repercussão na época sobre o local – dominado pela criminalidade.

Iniciou-se o processo de revitalização do edifício em 1975, onde foram encontradas imensas quantidades de lixo e ossadas humanas. Hoje em dia, o Edifício Martinelli é sede das Secretarias Municipais De Habitação e Planejamento, as empresas Emurb e Cohab-SP, além do Sindicato dos Bancários de São Paulo. No entanto, ainda hoje são realizados tours guiados pela região do prédio, que contam os horrores e crimes que aconteceram no local.

4.8 Igreja de Nossa Senhora da Candelária – RJ

Há pouco mais de três décadas do ocorrido, a Igreja Candelária, localizada na cidade do Rio de Janeiro, ainda se encontra manchada pela brutalidade do ocorrido em 1993, denominado de “Chacina da Candelária”.

Figura 9: Igreja de Nossa Senhora da Candelária



Fonte: Marcos Serra Lima – G1/GLOBO (2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/22/sobreviventes-da-chacina-da-candelaria-ficaram-abrigados-em-favela-na-zona-norte-do-rio.ghhtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.

Em 1993, após serem liberados da delegacia por estarem cheirando cola de sapateiro, dois adolescentes debocharam dos policiais, sendo que um deles atirou uma pedra contra a viatura policial. Dias após, no dia 23 de julho de 1993, três policiais ativos e um ex-policial militar dispararam em direção a diversos jovens, com idades entre 11 e 18 anos, que dormiam na escada da Igreja Candelária.

Wagner dos Santos, a única testemunha do caso, foi ferido no dia do incidente e sofreu uma tentativa de assassinato uma segunda vez, causando danos permanentes a sua saúde, como envenenamento por chumbo, perda parcial da audição e danos psicológicos. Os responsáveis pelo massacre foram condenados de 200 a 300 anos de prisão, mas atualmente foram liberados do cárcere.

A Chacina da Candelária marca um cenário de violência policial que chamou atenção de todo o mundo, marcando a necessidade de atenção aos jovens que são assassinados nas comunidades, sendo majoritariamente jovens negros e periféricos. Atualmente, apesar da construção arquitetônica, as escadas da Igreja Candelária estão marcadas pela história trágica das jovens vítimas.

4.9 Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – RJ

Em seu livro “Viagem ao Interior do Brasil”, o naturalista alemão, Freireyss, relata sobre sua experiência no Brasil em uma expedição realizada entre 1814 e 1815. Em seu quinto capítulo, o autor narra sua experiência na Rua do Valongo, citada previamente. Horrorizado pela precariedade em que os cativos eram mantidos, o alemão enfatiza os detalhes sobre o Cemitério dos Pretos Novos, que era destinado aos cativos chegados do continente Africano ao Brasil, que não sobreviveram à viagem ou morreram logo após o desembarque no porto:

[...] No meio deste espaço havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, saíam restos de cadáveres descobertos pelas chuvas que tinham carregado a terra e ainda havia muitos cadáveres no chão que não tinham sido enterrados. Nós, estavam apenas envoltos numa esteira, amarrada por cima da cabeça e por baixo dos pés. Provavelmente procede-se ao enterramento apenas uma vez por semana e como os cadáveres facilmente se decompõem, o mau cheiro é insuportável (Freireyss, 1982, p. 225).

Em 1853, o caminho do cemitério passou a ser chamada Rua da Harmonia e, apesar das documentações constarem sobre o antigo cemitério, só foi redescoberto em 1996 pelo casal Maria e Petruccio Guimarães durante a reforma em sua casa. Os pedreiros encontraram ossadas humanas enquanto cavavam o local.

O casal passou a abrigar arqueólogos e técnicos de escavação que encontraram 28 ossadas humanas. Os resultados das escavações revelaram um padrão perturbador: a maioria dos corpos de homens entre 18 e 25 anos foram depositados de forma caótica, amontoados uns sobre os outros, demonstrando uma total desconsideração pela dignidade humana e pelo contexto cultural do local (Bueno, 2018).

Após quatro anos de negligência do poder público, a família Guimarães decidiu realizar exposições dos materiais por conta própria, pois perceberam que o material encontrado nas escavações tinha grande importância sobre a história do país e sobre a divulgação da memória dos chamados “pretos novos”. Em 2001 é realizado o primeiro evento com visita pública no local. Os eventos eram feitos sem regulamentação ou qualquer tipo de patrocínio, de modo que eram realizados encontros com lideranças do movimento negro, rodas de samba e bate-papos, que foram o embrião das oficinas realizadas atualmente.

Após serem selecionados em um edital público em 2010, o IPN (Instituto Pretos Novos) iniciou suas oficinas de história com apoio de alguns artistas independentes e recursos contados. Desse modo, foi realizada a primeira versão da exposição permanente do Memorial dos Pretos Novos.

Figura 10: Instituto dos Pretos Novos



Fonte: Brasil de Fato (2017). Disponível em: <https://www.brasildefatoj.com.br/2017/11/23/museu-memorial-pretos-novos-a-historia-esquecida-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.

4.10 Mansão Visconde de Guaratinguetá – SP

Parte da cultura Brasileira nas escolas brasileiras, o mito da Loira do Banheiro remete a uma jovem que aparece no banheiro das escolas para assombrar os alunos que realizarem certos rituais para 31hama-la.

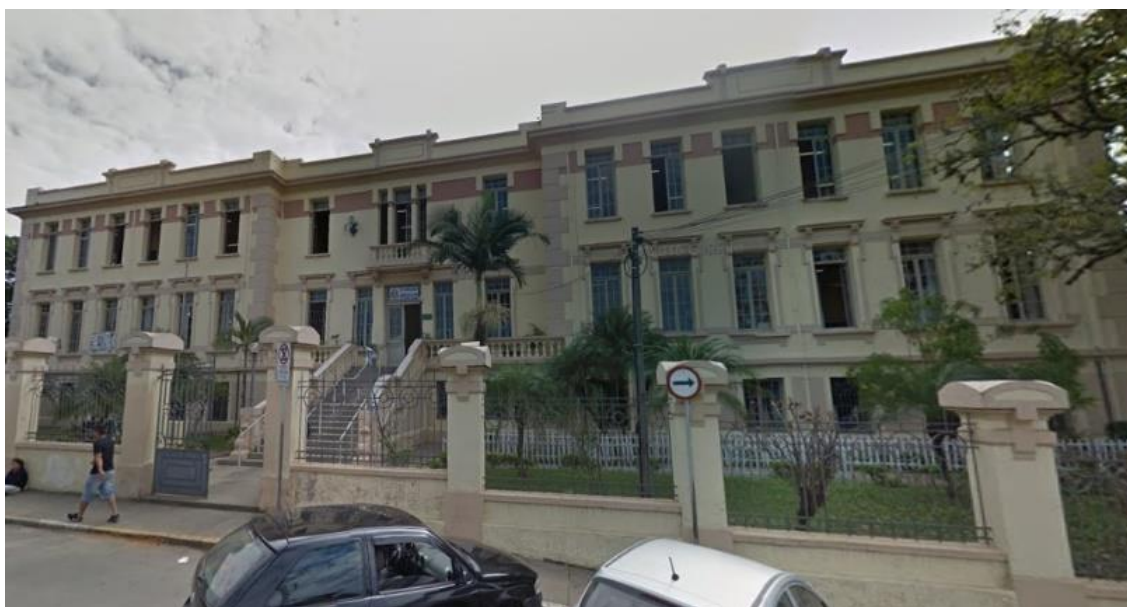
A lenda de Maria Augusta, conforme estudada por Silva (2021), é um exemplo emblemático da forma como a cultura popular brasileira reinterpreta e transforma fatos históricos. A história da jovem aristocrata, forçada a um casamento infeliz aos quatorze anos, foi transformada em uma narrativa fantasmagórica que, ao longo dos anos, se tornou parte do imaginário coletivo, alimentando tanto o medo quanto a fascinação sobre o ocorrido. Aos 18 anos, Maria Augusta fugiu para a Europa, com o dinheiro da venda de suas joias. Em 1888, aos 26 anos de idade, Maria Augusta faleceu e seu corpo foi trazido para o Brasil por um navio. Durante a viagem o corpo da filha do Visconde foi violado por ladrões, que roubaram suas joias. A morte de Maria ainda é considerada um mistério, pois assim como as joias, o atestado de óbito também sumiu, não sendo possível descobrir o real motivo da sua morte.

Após sua repatriação, o corpo de Maria Augusta foi exposto em uma urna de vidro na mansão de seu pai, o Visconde de Guaratinguetá, enquanto se aguardava a conclusão de seu túmulo. A decisão de manter o corpo em um local de destaque, além de atender a um desejo da família, carregava em si um simbolismo funerário peculiar, transformando a mansão em uma

espécie de mausoléu. O posterior incêndio que consumiu a mansão, já convertida em escola, alimentou as especulações locais sobre a existência de fenômenos paranormais, associados, entre outros elementos, ao som do piano, instrumento que a jovem costumava tocar.

Hoje em dia, o local continua como uma instituição de ensino, a Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves”, considerada até hoje como a casa da Loira do Banheiro. A lenda que surgiu no interior do estado de São Paulo e se espalhou por todo o Brasil.

Figura 11: Mansão Visconde de Guaratinguetá



Fonte: Google Street View – IPATRIMÔNIO [20--]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/guaratinguetaaee-conselheiro-rodrigues-alves/#!/map=38329&loc=-22.818924,-45.194866,17>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

4.11 Memorial das Vítimas de Brumadinho – MG

Brumadinho, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), possui sua economia historicamente vinculada à exploração de minério de ferro, recurso natural abundante na região. O município é abastecido pelas águas do Rio Paraopeba e de outras nascentes locais. A cidade contava com uma barragem de rejeitos localizada a aproximadamente 18 km da sede do município, construída pela mineradora Vale S.A para conter os resíduos da mina “Córrego do Feijão”. A barragem em questão possuía um caráter arcaico e ultrapassado, uma vez que foi erigida em 1976, possuindo 86 metros de comprimento e 720 metros de crista, tendo sido construída através do método de alteamento a montante. Tal técnica apresenta reduzidos índices de segurança, estabilidade e eficácia, conforme evidenciado pela Agência Nacional de Mineração (ANM, 2019). No dia 25 de janeiro de 2019, a barragem da mina se rompeu,

deixando mais de 270 vítimas, espalhando 12 milhões de metros cúbicos de resíduos na bacia do rio Paraopeba.

O Memorial das Vítimas de Brumadinho é uma homenagem às vítimas do acidente ocorrido em janeiro de 2019. Esta iniciativa tem como objetivo principal a preservação da memória das 272 vítimas do desastre de Brumadinho, combatendo o processo de apagamento histórico. Ao materializar essa memória, busca-se não apenas homenagear as vítimas, mas também prevenir a ocorrência de novos eventos de magnitude similar, através da conscientização e da promoção de práticas mais seguras na indústria minerária. O espaço conta com experiências sensíveis, individuais e coletivas, buscando evitar o esquecimento de toda tragédia e sofrimento que ocorreram no local.

Figura 12: Memorial das Vítimas de Brumadinho



Fonte: TV GLOBO (2022). Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/14/inauguracao-do-memorial-das-vitimas-da-tragedia-de-brumadinho-e-adiada-por-falta-de-dialogo-com-a-vale-diz-avabrum.ghml>. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

4.12 Memorial das Vítimas do Holocausto – RJ

O partido Nazista esteve presente em 83 países com sua ideologia de superioridade racial, antissemitismo, antidemocrático, militarista, entre outras, conseguiu dominar parte da Europa na Segunda Guerra Mundial. O mesmo foi comandado pelo ditador Adolf Hitler, responsável pelo assassinato de seis milhões de judeus, acontecimento que ficou conhecido como Holocausto.

Conforme Dietrich (2007), o Partido Nazista no Brasil, com seus 2.900 membros, constituiu a maior filial da organização nazista fora da Alemanha. Durante o período da

Segunda Guerra Mundial, esse grupo desempenhou um papel crucial na disseminação da ideologia nazista no território brasileiro. Desse modo, a construção do Memorial das Vítimas do Holocausto no Rio de Janeiro visa preservar e tornar conhecidas as histórias das vítimas que foram assassinadas pelo partido totalitário alemão. A criação do memorial também serve como reforço contra ideais antidemocráticos e genocidas no país através do sofrimento vivenciado pelos judeus, negros, imigrantes, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiências físicas ou mentais, entre outros.

O local possui uma experiência imersiva, possibilitando ao visitante uma perspectiva do acontecido a décadas atrás.

Figura 13: Memorial às Vítimas do Holocausto



Fonte: Memorial às Vítimas do Holocausto [20--]. Disponível em: <https://www.memorialdoholocaustorio.org.br/#:~:text=O%20Memorial%20%C3%A0s%20V%C3%ADtimas%20do,acesso%20pela%20Rua%20General%20Severiano>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

4.13 Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto – SP

A inauguração do Museu do Holocausto de São Paulo, em 2017, na Sinagoga ‘Kehilat Israel’, soma-se ao Memorial do Holocausto do Rio de Janeiro na importante tarefa de preservar a memória das vítimas do nazismo. Através de uma rica coleção, composta por réplicas de artefatos dos campos de concentração e objetos pessoais doados por famílias de sobreviventes, o museu oferece um testemunho contundente dos horrores do Holocausto. Além disso, ao narrar a história da imigração judaica para o Brasil, a instituição contribui para a compreensão das dinâmicas da memória e da identidade judaica no contexto brasileiro, promovendo a educação

para a tolerância e o respeito à diversidade. O local visa evitar que incidentes como o Holocausto que assassinou mais de 6 milhões de judeus aconteça novamente, através da conscientização e informação da população.

Figura 14: Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto



Fonte: São Paulo Antiga (2015). Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/sinagoga-kehillat-israel/>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

4.14 Museu da Loucura – MG

Fundado em 1903, o Hospital Colônia de Barbacena desempenhava um papel central na gestão da exclusão social no Brasil. A instituição era destinada não apenas a indivíduos com transtornos mentais, mas também a grupos marginalizados pela sociedade da época, como homossexuais, prostitutas e mães solteiras, que não se conformavam aos padrões morais vigentes (Sousa, 2021).

As fotos tiradas em 1961 pelo fotógrafo Luiz Alfredo⁸ retratam a precariedade e a maneira desumana que essas pessoas eram tratadas no manicômio, fazendo com que o hospital ganhasse a denominação de Holocausto Brasileiro pela jornalista Daniela Arbex em seu livro⁹,

⁸ De 196 fotos, 187 foram adquiridas pela prefeitura de Barbacena em 2007, e publicadas em 2008 no livro “Colônia, uma tragédia silenciosa”, que foi organizado por Jair Furtado Toledo e Edson Brandão.

⁹ HOLOCAUSTO BRASILEIRO: Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil, 2013.

que eterniza a memória do maior assassinato em massa brasileiro, que deixou em torno de 60 mil mortos.

O Hospital Colônia de Barbacena, marcado por condições de superlotação, maus tratos e alta taxa de mortalidade, tornou-se um dos principais alvos da luta antimanicomial no Brasil. A aprovação da Lei Basaglia¹⁰ em 1978, que restringiu a internação psiquiátrica, aliada à crescente denúncia das violações de direitos humanos ocorridas na instituição, impulsionou um processo de reestruturação e humanização do atendimento. A partir da década de 1980, buscou-se a desinstitucionalização dos pacientes e sua reinserção social, em consonância com os princípios da Reforma Psiquiátrica.

Figura 15: Museu da Loucura



Fonte: Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais – (FHEMIG) (2021). Disponível em: <https://www.fhemig.mg.gov.br/sala-de-imprensa/noticias-sala-imprensa/2111-museu-da-loucura-reabrira-no-proximo-domingo-18>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

Inaugurado em 16 de agosto de 1996, o ‘Museu da Loucura’ em Barbacena, instalado em uma das alas do antigo hospital psiquiátrico, constitui um importante espaço de memória e reflexão sobre a história da psiquiatria no Brasil. Com uma exposição permanente dividida em dez salas, o museu apresenta uma linha do tempo dos acontecimentos desde o século XVIII,

¹⁰ A Lei 180 de 13 de maio de 1978 freou o progressismo dos manicômios no Brasil, pois regulamenta a necessidade de internação de um paciente por questões psicossomáticas somente se comprovado ineficaz o tratamento fora do hospital.

evidenciando as condições de internação e os tratamentos aplicados aos pacientes. A reabertura do museu em 2016, com a exibição de objetos pessoais, documentos e instrumentos utilizados em práticas abusivas, reforça seu papel como um memorial crítico da violência institucional.

4.15 Museu do Cárcere – RJ

Inaugurado em 5 de junho de 2009, o Ecomuseu da Ilha Grande, instalado nas antigas dependências do Instituto Penal Cândido Mendes, constitui um importante espaço de memória e pesquisa sobre a história do sistema penitenciário do Rio de Janeiro, com destaque para o complexo prisional da Ilha Grande. O museu oferece um rico acervo documental e material que permite compreender as condições de vida dos detentos, as práticas disciplinares e as transformações do sistema prisional ao longo do tempo.

O IPCM ficou conhecido após aprisionar pessoas famosas, como o escritor Graciliano Ramos e o transformista¹¹ ‘Madame Satã’. No entanto, o caso que tornou o presídio mais conhecido foi a fuga de José Carlos dos Reis Encina, também conhecido como ‘Escadinha’, um dos líderes da facção criminosa Comando Vermelho. Ele foi responsável por uma das fugas mais famosas do Brasil, ao evadir o IPCM em um helicóptero, resgatado por seu companheiro José Carlos Gregório, mais conhecido como ‘O Gordo’.

Apesar da implosão do Instituto Penal Cândido Mendes ser um ato de brutalidade sobre a educação patrimonial (ARAÚJO, 2010), atualmente é possível visitar o Museu do Cárcere, que conta com fotos, artefatos e algumas estruturas remanescentes do antigo presídio.

Figura 16: Museu do Cárcere



Fonte: Guia Turístico Ilha Grande [20--]. Disponível em:
<https://www.guiaturisticoilhagrande.com.br/pt/touristpoint?id=81>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

¹¹ Transformista ou Drag Queen/King, é um movimento da comunidade Queer de se transformar de forma exuberante ao sexo oposto para performances.

4.16 Parque da Juventude – SP

O Complexo Penitenciário do Carandiru, inaugurado em 1954 e localizado na Zona Norte de São Paulo, foi o maior presídio da América Latina, com uma área de aproximadamente 60 mil metros quadrados. A unidade prisional, que abrigava sete pavilhões, tornou-se um dos símbolos do sistema penitenciário brasileiro. O massacre ocorrido no pavilhão 9, em 1992, representou um marco na história do país, revelando as profundas crises do sistema prisional e suscitando debates sobre a violência, os direitos humanos e a reforma penal.

As documentações constam que uma briga se iniciou entre dois detentos por conta de uma partida de futebol e se desenrolou até o início de um grande conflito entre grupos rivais (Onodera, 2005). Em 2 de outubro de 1992, a intervenção policial no Complexo Penitenciário do Carandiru, mobilizando mais de 300 agentes, resultou em um massacre que vitimou aproximadamente 111 detentos. Em um intervalo de apenas 20 minutos, foram disparados cerca de 3.500 tiros, transformando o evento em uma das maiores chacinas da história do Brasil.

Figura 17: Parque da Juventude



Fonte: Governo do Estado de São Paulo [20--]. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-da-juventude/>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

O acontecimento gerou grande repercussão na mídia, como músicas, documentários e filmes que relatavam a brutalidade ocorrida no pavilhão 9 – que era destinado para detentos que

cometeram o primeiro crime e não tinham antecedentes criminais –, no qual a maioria dos mortos eram negros e pobres.

Em 2003, o complexo penitenciário foi implodido, sendo transformado e ressignificado em uma área de lazer para a população, chamado de Parque da Juventude. Além disso, foi inaugurado o Museu Penitenciário Paulista, que também ocupa o local do extinto presídio.

4.17 Parque Estadual da Ilha Anchieta – SP

A rebelião ocorrida no Presídio Político da Ilha Anchieta em 20 de junho de 1952, envolvendo 80 detentos e seis agentes penitenciários, marca um dos primeiros episódios de instabilidade no sistema prisional paulista. Situado na ilha de Ubatuba, o presídio, conhecido por sua alta segurança, era palco de constantes violações de direitos humanos, com relatos de torturas e condições precárias de detenção. A rebelião de 1952 evidencia as tensões latentes no sistema prisional da época e sinaliza para a necessidade de reformas estruturais.

Figura 18: Parque Estadual da Ilha Anchieta



Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) (2011). Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=317656>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

Os 80 prisioneiros que se rebelaram tomaram o local, iniciando uma rebelião na qual mais de 100 detentos participaram, arrombaram o arsenal e ficaram em posse de dezenas de fuzis e armamentos. Os amotinados sequestraram os funcionários, confinando-os em celas, e executaram os agentes penitenciários considerados responsáveis pelas violências no presídio.

Em seguida, direcionaram-se para a costa de Ubatuba, com a intenção de fugir. O confronto resultou na morte de cerca de 100 pessoas, entre detentos e agentes penitenciários. A repressão às fugas foi marcada por atos de violência e tortura.

Diante da crise de segurança pública e das dúvidas quanto à efetividade das medidas de segurança do presídio, classificado como de máxima segurança, a unidade prisional foi fechada em 1955. A Ilha de Anchieta, que abrigou um antigo presídio, atualmente abriga o Parque Estadual Ilha Anchieta (PEIA), uma unidade de conservação onde as ruínas do presídio foram preservadas e restauradas. Os turistas podem ter contato direto com as ruínas ao se hospedarem na pousada Green Haven Ilha Anchieta, que fica próxima ao local do incidente.

4.18 Portal do Presídio Tiradentes – SP

Inaugurado em 1852, o Presídio Tiradentes desempenhou um papel central no sistema carcerário paulista, inicialmente destinado ao encarceramento de transgressores morais e escravos fugitivos. A partir do Estado Novo, o presídio assumiu um novo papel, abrigando opositores políticos do regime de Getúlio Vargas, tornando-se um símbolo da repressão estatal.

Figura 19: Portal do Presídio Tiradentes



Fonte: CONDEPHAAT (2017). Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/portal-de-pedra-do-antigo-presidio-tiradentes/>. Acesso em 20 de outubro de 2024.

O Presídio Tiradentes desempenhou um papel crucial na repressão política durante os regimes de Vargas e da Ditadura Militar. A prisão de figuras proeminentes como Monteiro Lobato e, posteriormente, Dilma Rousseff, demonstra a utilização do presídio como instrumento de controle e perseguição aos opositores políticos.

Em 1972, o Presídio Tiradentes foi demolido para dar lugar a um projeto de mobilidade urbana, sendo construída no local uma estação de metrô, atualmente denominada 'Tiradentes'. Como resquício do passado, o portal do presídio foi preservado e tombado pelo CONDEPHAAT em 1985. Atualmente, o portal serve como acesso tanto ao Banco do Brasil quanto ao Teatro Franco Zampari.

6 ATRATIVOS DARK BRASILEIROS, UMA CATEGORIZAÇÃO DA DOR

A partir do levantamento dos locais de memória trágica e mórbida no Sudeste brasileiro, é possível identificar uma gama diversificada de atrativos que se encaixam na categoria *Dark*. Essa diversidade corrobora com as classificações internacionais existentes, demonstrando que o Brasil, e especificamente a região Sudeste, possui um patrimônio cultural e histórico que o qualifica como um destino para esse tipo de turismo. A presente pesquisa contribui para o enriquecimento do debate acadêmico sobre o *Dark Tourism*, fornecendo subsídios para futuras investigações e para o desenvolvimento de roteiros turísticos mais especializados.

Tabela 2: Atrativos Brasileiros Segundo Categorias de Light (2017)

Tipos de Atrativos	Número de atrativos	Atrativos
Locais associados a guerra/conflito (incluindo campos de batalha e cemitérios de guerras)	2	Memorial das Vítimas do Holocausto e Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto.
Locais associados ao Holocausto (incluindo campos de concentração, campos temporários e memoriais do Holocausto)	2	Memorial das Vítimas do Holocausto e Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto.
Locais associados a prisões/aprisionamento (incluindo centros de detenção e prisões de guerra)	5	Museu da Loucura, Museu do Cárcere, Parque da Juventude, Parque Estadual da Ilha Anchieta e Portal do Presídio Tiradentes.
Locais associados a genocídios (Bósnia, Ruanda e Cambódia)	2	Instituto dos Pretos Novos e Museu da Loucura.
Locais associados à escravidão e ao mercado de escravizados do atlântico.	4	Cais do Valongo, Capela dos Aflitos, Igreja Santa Cruz dos Enforcados e Instituto dos Pretos Novos.
Zonas de conflito/loais perigosos contemporâneos	1	Igreja de Nossa Senhora da Candelária.
Locais associados a desastres naturais	2	Edifício Praça da Bandeira e Memorial das Vítimas de Brumadinho.

Cemitérios (excluindo cemitérios de guerra)	3	Capela dos Aflitos, Cemitério da Consolação e Instituto dos Pretos Novos.
Locais associados a assassinatos individuais ou em massa (não relacionados a um cenário de guerra)	5	Castelinho da Rua Apa, Edifício Martinelli, Igreja Nossa Senhora da Candelária, Parque da Juventude e Parque Estadual da Ilha Anchieta.
Local da morte de pessoas famosas	3	Casa de Dona Yayá, Edifício Martinelli e Mansão Visconde de Guaratinguetá.

Autor: Adaptado de LIGHT (2017)

5.1 Classificação dos locais brasileiros segundo as categorias de Light (2017):

Para uma compreensão aprofundada da categorização dos atrativos, é imprescindível analisar os critérios e justificativas que embasaram a classificação de cada um em seu respectivo grupo. Uma breve análise dos atributos e características distintivas de cada atrativo permitirá elucidar a lógica subjacente à organização proposta, contribuindo para a construção de um arcabouço teórico mais sólido e consistente

Desse modo, em Locais associados às guerras e conflitos, foram selecionados: o Memorial das Vítimas do Holocausto (Rio de Janeiro) e o Memorial da Imigração Judaica e Holocausto (São Paulo). A razão pela qual os atrativos foram selecionados foi pela ligação direta com a Segunda Guerra Mundial e com o regime ditatorial nazista que se espalhou da Alemanha para o mundo. Por isso, os mesmos atrativos também foram selecionados para a categoria Locais associados ao Holocausto, pois a relação é essencial para a existência desse atrativo.

Na categoria Locais associados a prisões/aprisionamentos, os atrativos selecionados foram: Museu da Loucura (Minas Gerais), Museu do Cárcere (Rio de Janeiro), Parque da Juventude (São Paulo), Parque Estadual da Ilha Anchieta (São Paulo) e Portal do Presídio Tiradentes (São Paulo), pois são locais que representam a categoria completamente, devido ao fato de se tratarem na maioria dos casos de antigos complexos penitenciários. Vale salientar que, apesar de não ser constituído e considerado como uma prisão, a liberdade no Hospital Colônia de Barbacena não era uma opção para os pacientes.

Para os Locais associados a genocídios selecionados foram o: Instituto dos Pretos Novos e o Museu da Loucura. Nesse caso, o IPN marca um passado trágico do mundo, o genocídio de milhares de negros escravizados que buscavam a liberdade e a precariedade em que viviam, que muitas vezes os levavam à morte. Assim como no caso do Museu da Loucura, que conta a história das mais de 60 mil vítimas do HCB.

Na quinta categoria, os Locais associados à escravidão e ao mercado de escravizados do atlântico foram selecionados de modo intuitivo: o Cais do Valongo, a Capela dos Aflitos, a Igreja Santa Cruz dos Enforcados e o Instituto dos Pretos Novos são locais que refletem esse período trágico de nosso país e do mundo. O Cais do Valongo se destacando como um dos principais centros de tráfico negreiro do mundo durante o período da escravidão, enquanto os outros atrativos relatam a brutalidade e o genocídio dos povos africanos e indígenas.

Em Zonas de conflito/locais perigosos contemporâneos, destaca-se a Igreja de Nossa Senhora da Candelária, pois marca e representa a brutalidade do conflito entre a polícia militar do Rio de Janeiro e as comunidades cariocas, confronto esse que continua presente nos dias de hoje. Como ênfase no tema, destaca-se a destruição do Memorial das Vítimas do Jacarezinho, memorial construído para homenagear as 28 pessoas mortas durante a operação na comunidade do Jacarezinho. O memorial foi destruído pela polícia em 2022, o que enfatiza o conflito e perigo constante e contemporâneo no Rio de Janeiro.

Na Locais associados a desastres naturais, foram considerados acontecimentos em que a natureza estava envolvida, devido ao escasso diálogo com os atrativos brasileiros. O Memorial das Vítimas de Brumadinho materializa o trágico legado de um desastre socioambiental, resultado do rompimento da barragem de rejeitos de minério. A obra memorialística serve como um poderoso testemunho dos impactos devastadores desse evento, que ceifou vidas, desalojou comunidades inteiras e causou danos irreparáveis ao meio ambiente. Através da arte e da memória, o memorial questiona o modelo de desenvolvimento econômico que prioriza os lucros das grandes corporações em detrimento da segurança e do bem-estar das populações e do planeta. No caso do Edifício Praça da Bandeira, o incidente reflete o despreparo dos corpos de bombeiros na situação e como o fogo conseguiu deixar diversas vítimas em poucas horas.

Já em Cemitérios, os atrativos selecionados se encaixam amplamente na categoria, pois a Capela dos Aflitos se localiza em um antigo cemitério de pessoas ‘malditas’, assim como o Instituto dos Pretos Novos, que se localiza em cima do antigo cemitério destinado aos Pretos Novos. Já o Cemitério da Consolação, além de conter ampla atratividade de arte tumular, também é um dos maiores cemitérios do Brasil.

Na penúltima categoria, Locais associados à assassinatos individuais ou em massa, os atrativos: Castelinho da Rua Apa, Edifício Martinelli, Igreja Nossa Senhora da Candelária, Parque da Juventude e Parque Estadual da Ilha Anchieta se encaixam plenamente. Cada um com sua bagagem específica.

Por último, os Locais da morte de pessoas famosas selecionados foram: a Casa de Dona Yayá, que faleceu em sua casa - atualmente aberta para visitação, o Edifício Martinelli, por seu passado sombrio de crimes durante as décadas de abandono, e a Mansão Visconde de Guaratinguetá, que apesar de não ser o local exato onde a Viscondessa jazeu, a mansão é o local onde seu corpo foi mantido até a construção de seu túmulo.

5.2 Análise dos locais brasileiros segundo Light (2017):

Na etapa subsequente, será realizada uma análise mais detalhada dos atrativos anteriormente classificados. Com base em alguns critérios citados por Light (2017) para a prática do *Dark Tourism*, os locais serão examinados sob a perspectiva de cinco dimensões temáticas. A fim de garantir a objetividade da análise, serão selecionados os principais exemplos que ilustram tanto as práticas mais adequadas quanto as menos adequadas em relação a cada critério, dispensando uma análise de todos os atrativos listados.

Debates  ticos

A  tica no *Dark Tourism*   um tema complexo e multifacetado, que suscita debates acalorados e divergentes. Por um lado, a comercialização de tragédias e a transformação de locais de memória em produtos turísticos são práticas que levantam questionamentos sobre o respeito aos mortos e aos enlutados. A mercantilização da dor e a busca pelo lucro em cima do sofrimento humano são frequentemente criticadas, uma vez que banalizam eventos trágicos e desrespeitam a dignidade das vítimas.

Por outro lado, a banalização do sofrimento e a criação de um ambiente de espetáculo podem levar à dessensibilização e   tolerância diante da violência. A transformação de locais de memória em atrações turísticas pode gerar um distanciamento emocional em relação aos eventos ocorridos, minimizando sua importância histórica e cultural. A busca por sensações fortes e experiências únicas pode levar os visitantes a se concentrarem mais no aspecto visual e lúdico dos locais, em detrimento da reflexão sobre o significado dos acontecimentos.

A discussão, portanto, envolve a análise crítica da forma como esses locais são gerenciados, das mensagens transmitidas aos visitantes e das possíveis consequências desse tipo

de turismo para a conscientização e a empatia. É fundamental questionar quais valores são transmitidos através do *Dark Tourism*, se a experiência do visitante contribui para a compreensão dos eventos históricos e se há um respeito genuíno pela memória das vítimas.

A experiência educativa foi um dos aspectos mais destacados na análise ética dos atrativos selecionados. O Memorial das Vítimas do Holocausto no Rio de Janeiro, o Memorial das Vítimas de Brumadinho e o Museu da Loucura demonstram como a memória trágica pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para promover a reflexão sobre temas complexos como o genocídio, a negligência ambiental e a violência institucional. Ao proporcionar aos visitantes uma imersão nos eventos históricos, esses espaços buscam sensibilizar e conscientizar, visando prevenir a repetição de tragédias e fomentar a construção de uma sociedade mais justa e humana.

Paradoxalmente, a Igreja da Candelária, palco de uma tragédia que simboliza a violência policial no Rio de Janeiro, apresenta uma lacuna em sua abordagem memorialística. Apesar de ser um local de referência para a discussão sobre segurança pública, o memorial carece de uma narrativa mais orientada, que contextualize historicamente o ocorrido e ofereça subsídios para a reflexão sobre as causas e consequências da violência. A ausência de uma perspectiva crítica e propositiva limita o potencial educativo do espaço, comprometendo a construção de uma memória ética e a prevenção de futuros episódios de violência.

As políticas do *Dark Tourism*

A análise das políticas relacionadas ao *Dark Tourism* evidencia o caráter político da memória e a forma como ela é utilizada para construir e reforçar identidades nacionais. A manipulação interpretativa do passado, frequentemente observada em museus que tratam de conflitos bélicos e outras tragédias, demonstra como a memória pode ser mobilizada para legitimar projetos políticos e ideológicos. Ao selecionar e enfatizar determinados aspectos do passado, e ao silenciar outros, as instituições memoriais contribuem para a construção de narrativas históricas que podem ser utilizadas para justificar ações presentes e moldar o futuro. A discussão abordará a forma como a memória é utilizada como instrumento de poder e como ela pode ser mobilizada para fins políticos. Neste item, trata-se de quem será beneficiado por essa memória passada aos turistas, e como a interpretação da mesma pode refletir sobre uma perspectiva unilateral do evento traumático.

A análise dos casos da Igreja da Candelária, do Edifício Martinelli e do Edifício Praça da Bandeira demonstra a importância de uma investigação crítica da memória. A manipulação da memória nesses locais, marcada pela tentativa de ocultar a violência estatal e a insegurança

pública da época, revela a necessidade de desvelar as narrativas oficiais e construir uma história mais justa e completa. As homenagens posteriores, como a da Igreja da Candelária, representam tentativas de silenciar as vozes das vítimas e de seus familiares, além de construir uma narrativa que serve aos interesses do poder estabelecido.

Os atrativos relacionados a presídios desempenham um papel fundamental na construção de uma memória crítica e engajada. Ao confrontar a população com as marcas da violência e da injustiça. Esses locais estimulam a reflexão sobre as causas e as consequências da violência institucional. Ao contrário de outros espaços de memória, que tendem a ocultar as contradições do passado, os presídios convidam à denúncia e à luta por um futuro mais justo.

Experiências Turísticas

Nesse item a pesquisa se concentrará na natureza interpretativa dos atrativos do *Dark Tourism*. Desse modo, o que é mais relevante nesse cenário é se os locais analisados são criados para a rememoração de eventos passados, se são cenários reais de acontecimentos históricos ou se foram ressignificados para outras finalidades. A discussão busca compreender as diversas formas de representação da memória trágica e as implicações para a construção de significados e a experiência do visitante.

Os atrativos elencados na pesquisa se encaixam em diversos tipos de *Dark Tourism*, como citado na categorização baseada em Light (2017). No entanto, além dessa diversidade dos atrativos, há também a diversidade em que essas memórias são transmitidas, tornando cada uma delas únicas. Para melhor entendimento, foram selecionados o Cais do Valongo, o Edifício Martinelli, a Praça da Juventude e o Memorial do Holocausto. Atualmente, cada um desses locais transmite a memória de maneira diferente.

A decisão de preservar o Cais do Valongo em seu estado original revela um compromisso com a justiça histórica e com a construção de uma memória mais justa e completa. Ao manter o local como um memorial, busca-se resgatar a dignidade das vítimas da escravidão e tornar visível um capítulo doloroso da história brasileira que, por muito tempo, foi silenciado. A autenticidade do espaço contribui para uma experiência mais profunda e significativa, incentivando a reflexão sobre as consequências do tráfico de escravos e as desigualdades raciais persistentes na sociedade brasileira.

O caso do Edifício Martinelli ilustra a complexidade da memória e a forma como ela se entrelaça com o espaço físico. Embora o edifício tenha sido mantido e carregue consigo a memória de um passado violento, sua função atual como sede de empresas e palco de eventos demonstra que a memória de um lugar não é estática, mas sim mutável e constantemente

negociada. A coexistência de diferentes memórias no mesmo espaço revela a natureza multifacetada da história e a importância de considerar os diversos significados atribuídos a um local ao longo do tempo.

Por conseguinte, o Parque da Juventude é o contrário de ambos casos citados acima, pois o local original do complexo penitenciário Carandiru foi demolido e transformado em uma área de lazer, memória e educação. Destoando dos atrativos citados acima, o local onde aconteceu a violência policial já não existe, e a principal atividade desenvolvida não é o *Dark Tourism*, gerando uma ressignificação completa do local, apesar do amplo conhecimento da população sobre o passado do presídio.

Por último, o Memorial das Vítimas do Holocausto no Rio de Janeiro representa um esforço para preservar a memória de um genocídio ocorrido em outro continente. Ao construir um espaço de reflexão e aprendizado sobre o Holocausto em território brasileiro, o memorial busca sensibilizar o público sobre a importância dos direitos humanos e a necessidade de combater o racismo, a xenofobia e outras formas de intolerância. A distância geográfica não impede a conexão emocional e intelectual com um evento histórico de dimensões globais.

Relação entre a memória e identidade de grupos sociais

Neste tópico, será analisado como a memória evocada em locais de tragédia se articula com as identidades sociais dos visitantes. Deste modo, busca-se compreender como as diferentes experiências e perspectivas dos grupos sociais influenciam a forma como esses espaços são interpretados e vivenciados. A partir da análise dos atrativos selecionados, é possível identificar a diversidade de grupos sociais que visitam esses locais e as diferentes formas de engajamento com a memória.

O Museu da Loucura constitui um espaço privilegiado para analisar como a memória de experiências de exclusão social se articula com as identidades e as lutas dos grupos marginalizados na sociedade contemporânea. Ao documentar a história daqueles que foram estigmatizados e institucionalizados em nome da saúde mental, o museu evidencia as interseccionalidades de gênero, raça, classe e orientação sexual na construção de identidades subalternas. A memória do sofrimento infligido aos internos do hospital colônia ressoa com as experiências de exclusão e marginalização vividas por diversos grupos sociais na atualidade, revelando a persistência de estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a violência.

No contexto brasileiro, a luta antirracista tem ganhado crescente visibilidade, impulsionada por movimentos sociais que buscam ressignificar a história e combater as desigualdades raciais. Nesse sentido, instituições como o Instituto dos Pretos Novos e o Cais

do Valongo desempenham um papel fundamental na preservação da memória da escravidão e na denúncia de suas consequências duradouras. Ao materializar um passado marcado pela violência e pela opressão, esses espaços contribuem para a construção de uma narrativa histórica mais justa e equitativa, que reconheça o papel central da escravidão na formação da sociedade brasileira e seus impactos persistentes na vida de milhões de pessoas.

Além disso, o Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto desempenham um papel crucial na preservação da memória e da identidade judaica, tanto em nível global quanto no contexto brasileiro. Ao documentar a história da imigração judaica para o Brasil e as atrocidades cometidas durante o Holocausto, o memorial contribui para a construção de uma memória coletiva que fortalece o sentimento de pertencimento e identidade entre os judeus brasileiros e promove o diálogo inter-religioso e intercultural.

Consumo e Gestão dos Espaços

Em última análise, esta pesquisa aponta para a necessidade de aprofundar o estudo sobre as práticas de gestão desses espaços turísticos, com ênfase na forma como a memória é tratada e na medida em que os gestores se dedicam à promoção da educação e conscientização. A investigação sobre as estratégias de gestão e as práticas educativas adotadas nesses locais é fundamental para compreender como a memória de eventos trágicos é instrumentalizada e como os visitantes são engajados nesse processo.

Para isso, é importante citar o Castelinho da Rua Apa, que atualmente está sendo gerido por uma instituição sem fins lucrativos, a Ong Clube de Mães do Brasil, que ajuda aos necessitados no local. Deste modo, o atual foco do local não é turístico, e apesar de grande repercussão do caso até hoje, não há uma estratégia de promoção do turismo no local. Mas com o tombamento do local, é possível identificar o local como um *Dark Heritage*, e que se relaciona aos interessados de forma indireta. O consumo turístico nesse local é de observação e ocorre em *tours* relacionados ao *Dark Tourism* e a visitantes independentes.

Por um outro lado, o Memorial das Vítimas de Brumadinho se encontrou em uma luta jurídica sobre a gestão do local. Em solução, a gestão do local que antes seria administrada pela própria Vale, será feita pela ‘Fundação Memorial de Brumadinho’, organização sem fins lucrativas formada pelas famílias das vítimas do desastre-crime. Nesse local, a experiência conta com um percurso imersivo e conscientizador sobre o ocorrido em 2019.

Já o Cemitério da Consolação possui sua gestão privada, sendo que com o passar do tempo o local foi se adaptando às demandas turísticas no local. O que era antes somente uma necrópole em São Paulo, agora se tornou um local que apoia e organiza *tours* guiados aos

redores dos túmulos conhecidos. O consumo turístico nesse local é diverso, podendo ser interpretado diferentemente para cada tipo de turista. Alguns desejam apreciar a arte tumular, outros se interessam pela história e outros são atraídos pela ideia de contato com a morte.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou a demonstrar a complexidade do turismo como atividade humana. Ao longo da pesquisa, constatou-se que o turismo se apresenta como um fenômeno multifacetado, cuja natureza abrangente reflete a diversidade de interesses e expectativas dos viajantes. Neste documento, foi utilizada a memória como atração principal de um local, como o histórico de tragédia de um lugar pode atrair turistas que buscam conhecer e ter um contato com o mórbido.

A pesquisa possibilitou o entendimento e o conhecimento de alguns dos principais atrativos de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* no Brasil e como esse segmento de turismo e patrimônio se encontra no cenário atual. Além disso, foi possível pontuar o histórico e a motivação de cada local, para melhor captação do objeto e seu potencial.

Os temas *Dark Tourism* e *Dark Heritage* (e seus derivados, como turismo cemiterial, artes tumulares, patrimônios difíceis, entre outros) começaram a ganhar destaque nos últimos anos na área acadêmica brasileira, gerando um alto volume de pesquisas publicadas voltadas ao tema. No entanto, apesar de pesquisas atuais, esses temas tratados são antigos no exterior, sendo estudados desde fim do século passado. O trabalho é esclarecedor sobre a introdução do tema no cenário nacional, ao mencionar e equivaler os atrativos brasileiros às categorias do autor Light (2017), comprovando a existência de demanda e atividade turística no local. Além de possibilitar a adaptação de uma tabela para os motes brasileiros, com categorias diversas e grande quantidade de autores voltados à essas temáticas.

A pesquisa contribui ainda para uma análise crítica do turismo de tragédia no Brasil, embasada nos critérios de Light (2017). Essa análise permite compreender como os atrativos nacionais se encaixam aos padrões internacionais desse segmento, ao mesmo tempo em que possibilita uma reflexão sobre a construção de patrimônios Dark que respeitem a memória dos eventos.

Desse modo, o trabalho tem potencial de contribuir para os avanços nos estudos de atrações turísticas e patrimônios *dark* no Brasil. Ao apresentar, categorizar e analisar alguns de seus atrativos, além de abrir portas para uma futura indagação sobre a possibilidade dos atrativos brasileiros se destacarem assim como os atrativos estrangeiros, também possibilita a fomentação desse segmento de maneira justa e educativa. Com seu passado impiedoso e presente brutal, o Brasil se prova como um objeto de pesquisa que possibilita a criação de atrativos educativos e que estimulam a cidadania. Evitar as situações como a escravidão, Holocausto e a brutalidade nos hospitais psiquiátricos e comunidades periféricas é essencial

para que haja o despertar de uma consciência crítica. Destarte, o *Dark Tourism* e o *Dark Heritage* são ferramentas importantíssimas nessa questão.

Com isso, é possível concluir que, assim como os atrativos famosos de *Dark Tourism* e/ou *Dark Heritages* no exterior – como o Campo de Concentração de Auschwitz na Polônia, Chernobyl na Ucrânia e Ground Zero nos Estados Unidos – os atrativos brasileiros possuem potencial equivalente educacional, pois há um passado brutal que possibilita a criação e renovação de locais como oportunidade de ensinamento e resguardo de repetição desses acontecimentos. Além disso, no meio acadêmico, também é possível aumentar a produção de pesquisas voltadas aos temas sombrios nacionais, permitindo a criação de uma tabela como a de Light, mas voltada aos atrativos do Brasil, que não ficam para trás no interesse turístico, histórico e possibilidade educacional.

Durante o processo de pesquisa, houve algumas dificuldades em relação a busca dos históricos dos locais apresentados no trabalho, devido a uma baixa quantidade de pesquisas publicadas voltadas aos designados atrativos e às rasas informações encontradas em sites de prefeituras e atrativos. O que evidencia a importância da produção científica ao tema.

Por último, mesmo com a atualidade do tema, faz-se necessário pontuar e criticar questões contemporâneas sobre alguns atrativos voltados ao *Dark Tourism* no Brasil, assim como a nomenclatura criada por Stone (2006). Alguns atrativos brasileiros foram desconsiderados de serem citados nessa pesquisa, justamente pela explícita apelação do tema, tornando atrativos extremamente mórbidos somente para o impacto junto ao turista e a geração de renda a partir disso. A questão da ética do *Dark Tourism* é relatada por diversos autores, sendo importante destacar a importância do segmento para a geração de renda para a comunidade local e para educação sobre história. No entanto, alguns dos atrativos brasileiros encontrados durante as pesquisas foram extremamente apelativos e frios em relação à vida das vítimas e suas famílias. Desse modo, é importante que os atrativos do segmento sejam empáticos e não venais, e que a memória utilizada por esses locais seja educacional e enriquecedora ao turista, para que eventos trágicos como os citados acima não ocorram novamente nas próximas gerações.

Além disso, por ser uma das principais fontes de conceituação do *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, o Espectro do *Dark Tourism*, criado por Stone (2006) não corresponde aos pensamentos contemporâneos de uma sociedade igualitária. A utilização de “*Darker*” como atrativo mais relacionado ao sombrio e “*Lighter*” ao menos mórbido reflete uma relação errônea e institucional do escuro/negro ao negativo, o que não corresponde a uma sociedade que vive na luta contra o racismo.

Portanto, é importante o impulsionamento de pesquisas voltadas ao tema de *Dark Tourism* e *Dark Heritage* no Brasil, para que os conceitos e sua aplicação sejam claros, além de possibilitar a utilização da história trágica brasileira para o aprendizado de outras nações.

8 REFERÊNCIAS

DE ARAÚJO, Carolina Dutra. A invenção da Ilha Grande: a influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, 2010.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Editora Intrínseca, 2019.

BAYER, Diego Augusto. **O crime do castelinho da rua apa**. JusBrasil, 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-crime-do-castelinho-da-rua-apa/447371788>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

BIRAN, Avital; PORIA, Yaniv; OREN, Gila. Sought experiences at (dark) heritage sites. **Annals of tourism research**, v. 38, n. 3, p. 820-841, 2011.

BRASIL. Cláudia Bispo. Assessoria de Comunicação do Ministério do Turismo. **Pesquisa MTur**: SP, RJ e Bahia são o top 3 dos entrevistados que querem realizar viagens em 2024. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/pesquisa-mtur-sp-rj-e-bahia-sao-o-top-3-dos-entrevistados-que-querem-realizar-viagens-em-2024#:~:text=A%20paradis%C3%ADaca%20ilha%20de%20Fernando,turismo%20de%20sol%20e%20praia>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CRISTINA BOECKEL (Rio de Janeiro). **Sobreviventes da chacina da Candelária ficaram abrigados em favela na Zona Norte do Rio**. 2018. G1 Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/22/sobreviventes-da-chacina-da-candelaria-ficaram-abrigados-em-favela-na-zona-norte-do-rio.ghml>. Acesso em: 21 out. 2024.

BRASIL. Controles e tratamentos sanitários voluntários e obrigatórios. **Lei 180 de 13 de maio de 1978**. Lei Basaglia.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **História, turismo e patrimônio cultural: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social**. Editora Prismas, 2015.

BUENO, Chris. Instituto dos Pretos Novos quer manter viva a memória dos africanos no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 1, p. 9-11, 2018.

IPHAN (Rio de Janeiro) (org.). **Cais do Valongo – Rio de Janeiro (RJ)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/#:~:text=Principal%20porto%20de%20entrada%20de,9%20de%20julho%20de%202017>. Acesso em: 04 out. 2024.

IPHAN (Rio de Janeiro) (org.). **Cais do Valongo (RJ)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/818/#:~:text=Doze%20anos%20depois%2C%20em%201843,nome%20de%20Cais%20da%20Imperatriz>. Acesso em: 04 out. 2024.

SÃO PAULO. LUÍS SOARES DE CAMARGO. **As origens do Cemitério da Consolação**. 2010. Coluna Ladeira da Memória. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/patrimonio_historico/ladeira_memoria/8380. Acesso em: 11 out. 2024.

CAPELA dos Aflitos. Arte Fora do Museu. Disponível em:
<https://arteforadomuseu.com.br/capela-dos-aflitos/>. Acesso em: 11 out. 2024.

SÃO PAULO. Bruna Carvalho. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Castelinho da Rua Apa é restaurado para melhor atender moradores em situação de rua**. 2017. Disponível em:
https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/noticias/232799#:~:text=O%20im%C3%B3vel%20ficou%20abandonado%20e,declarado%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Cultural. Acesso em: 10 out. 2024.

DONA Yayá. Centro de Preservação Cultural Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Disponível em: <https://biton.uspnet.usp.br/cpc/index.php/casa/dona-yaya/#:~:text=Ainda%20crian%C3%A7a%2C%20perdeu%20duas%20irm%C3%A3s,durante%20uma%20viagem%20de%20navio>. Acesso em: 08 out. 2024.

CASA DE DONA YAYÁ. CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL. Disponível em:
<https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/>. Acesso em: 08 out. 2024.

CEMITÉRIO da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo. 2017. CONDEPHAAT. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/ceimiterio-da-consolacao-dos-protestantes-e-da-ordem-terceira-do-carmo/>. Acesso em: 11 out. 2024.

CENTRO Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena. FHEMIG. Disponível em:
<https://www.fhemig.mg.gov.br/atendimento/complexo-hospitalar-de-barbacena/centro-hospitalar-psiquiatrico-de-barbacena>. Acesso em: 16 out. 2024.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2017.

COUTINHO, Belmira; BAPTISTA, Maria Manuel. Há morte nas catacumbas? Percepções de visitantes de uma atração de turismo negro. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 4, n. 21/22, p. 493-503, 2014.

ELAINE PATRÍCIA CRUZ. Repórteres da Agência Brasil e da Tv Brasil. **Edifício Joelma:: 50 anos depois, sobreviventes relembam tragédia**. 50 anos depois, sobreviventes relembam tragédia. 2024. CNN BRASIL. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/edificio-joelma-50-anos-depois-sobreviventes-relembam-tragedia/#:~:text=A%20solu%C3%A7%C3%A3o%20acabou%20sendo%20pular,as%20outras%20pessoas%20pularam%20tamb%C3%A9m>. Acesso em: 11 out. 2024.

CUNHA, M. C. P. Loucura, gênero feminino: as mulheres de Juquery em São Paulo no início do século XX. In: **Anais do Simpósio Nacional de História**, 2017. Disponível em:
http://snh2017.anpuh.org/resources/download/1246015327_ARQUIVO_mariaclementina.pdf. Acesso em: 08 de outubro de 2024.

CURIOSIDADES sobre o Edifício Martinelli. Condomínio Prédio Martinelli. Disponível em:
<http://www.prediomartinelli.com.br/curiosidades-sobre-o-edificio-martinelli/>. Acesso em: 21 out. 2024.

CUSTÓDIO, Jorge. Globalização e património cultural. **Custódio J.(coord.)**, v. 100, p. 346-348, 2010.

JAQUELINE DEISTER (Rio de Janeiro). **Museu Memorial Pretos Novos:: a história esquecida do rio de janeiro. a história esquecida do Rio de Janeiro**. 2017. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2017/11/23/museu-memorial-pretos-novos-a-historia-esquecida-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 04 out. 2024.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. Futura, 2000.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. Futura, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DONA Yayá, a herdeira que virou prisioneira na própria casa. 2022. A Vida no Centro. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/cultura/historia-da-dona-yaya/>. Acesso em: 08 out. 2024.

EDIFÍCIO Joelma: Praça das Bandeiras. Praça das Bandeiras. 2019. A Vida no Centro. Disponível em: https://avidanocentro.com.br/o_que_fazer/lugares-mal-assombrados-centro-sp/attachment/edificio-joelma-ed-praca-das-bandeiras/. Acesso em: 11 out. 2024.

EQUIPE TESTEMUNHA OCULAR (Nova Iguaçu) (ed.). **Luiz Alfredo**. 1934. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/convidados/luis-alfredo/>. Acesso em: 20 out. 2024.

FOLEY, Malcolm; LENNON, J. John. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. **International Journal of Heritage Studies**, v. 2, n. 4, p. 198-211, 1996.

DE FRANÇA, Mayra Carvalho Ferreira. Casas como máquinas de lembrar: patrimonialização e musealização na Casa de Dona Yayá. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 56, n. 1, p. 1-25, 2022.

FREYREISS, Georg Wilhelm; FERRI, Mário Guimarães. Viagem ao interior do Brasil. **(No Title)**, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.

ALINE GOUVEIA (Brasil). **30 anos da Chacina da Candelária: relembre o massacre que matou oito jovens**. 2023. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/07/5110969-30-anos-da-chacina-da-candelaria-relembre-o-massacre-que-matou-oito-jovens.html>. Acesso em: 21 out. 2024.

GRAHAM, Brian; ASHWORTH, Greg; TUNBRIDGE, John. **A geography of heritage**. Routledge, 2016.

GUMIERI, Julia. **Complexo Penitenciário do Carandiru**. Memorial da Resistência de São Paulo. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/complexo-penitenciario-do-carandiru/>. Acesso em: 22 out. 2024.

GUSENBAUER, Michael. Google Scholar to overshadow them all? Comparing the sizes of 12 academic search engines and bibliographic databases. **Scientometrics**, v. 118, n. 1, p. 177-214, 2019.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. **Editora Revista dos Tribunais**, 1990.

HEALEY, Mick; HEALEY, Ruth L. How to conduct a literature search. **Key methods in geography**, v. 2, p. 16-34, 2010

IGREJA Nossa Senhora dos Aflitos. Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <https://www.arquisp.org.br/regiao-se/paroquias/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/igreja-nossa-senhora-dos-aflitos>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

IGREJA Santa Cruz das Almas dos Enforcados. Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <https://www.arquisp.org.br/regiao-se/paroquias/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/igreja-santa-cruz-das-almas-dos-enforcados>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

INSTITUTO de pesquisa e memória pretos novos (IPN). Cemitério dos Pretos Novos. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/>. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

INSTITUTO de pesquisa e memória pretos novos (IPN). Museu Memorial. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

LEITE, Rosalynn; HUGUENIN, Suzana. A importância dos descritores em Ciências da Saúde: DeCS para os Anais Brasileiros de Dermatologia. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 80, p. 458-458, 2005.

LIGHT, Duncan. Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism. **Tourism management**, v. 61, p. 275-301, 2017.

LIMA, Mônica. História, patrimônio e memória sensível: o Cais do Valongo no Rio de Janeiro. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 15, n. 26, p. 98-111, 2018.

LOWENTHAL, David. **The Heritage crusade and the spoils of history**. Cambridge University Press, 1998.

PATRÍCIA LUZ (Minas Gerais). **Inauguração do memorial das vítimas da tragédia de Brumadinho é adiada por falta de diálogo com a Vale, diz Avabrum**. 2023. G1 Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/14/inauguracao-do-memorial-das-vitimas-da-tragedia-de-brumadinho-e-adiada-por-falta-de-dialogo-com-a-vale-diz-avabrum.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2024.

THAYS MARTINS (Brasil). **Loira do banheiro::** morte misteriosa em mansão de sp deu origem a lenda. morte misteriosa em mansão de SP deu origem a lenda. 2021. Correio

Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4955135-loira-do-banheiro-morte-misteriosa-em-mansao-de-sp-deu-origem-a-lenda.html>. Acesso em: 17 out. 2024.

TAIS MELLO. **Edifício Martinelli**. Galeria da Arquitetura. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/paulo-lisboa/edificio-martinelli/898>.

MEMORIAL do Holocausto, uma história de todos, para todos, sobre todos. Memorial às Vítimas do Holocausto. Disponível em: <https://www.memorialdoholocaustorio.org.br/#:~:text=O%20Memorial%20%C3%A0s%20V%C3%ADtimas%20do,acesso%20pela%20Rua%20General%20Severiano>. Acesso em: 17 de outubro de 2024.

MUSEU da Loucura. Prefeitura de Barbacena. Disponível em: <https://www1.barbacena.mg.gov.br/portal/turismo/0/9/1475/museu-da-loucura>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

MUSEU do Cárcere. Guia Turístico Ilha Grande. Disponível em: <https://www.guiaturisticoilhagrande.com.br/pt/touristpoint?id=81>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

MUSEU do Cárcere - Dois Rios - Ilha Grande - RJ. 2017. Ilhagrande.org. Disponível em: <http://www.ilhagrande.org/pagina/museu-do-carcere-ilha-grande>. Acesso em: 20 out. 2024.

DOUGLAS NASCIMENTO (São Paulo). **Sinagoga Kehilat Israel**. 2015. São Paulo Antiga. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/sinagoga-kehilat-israel/>. Acesso em: 16 out. 2024.

NEVES, Camilla Moura Fontes dos Santos. **Dark Tourism**: reflexões sobre memória, história e comercialização. 2024. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2024.

NOTA pública: 20 anos da chacina da Candelária, não vamos esquecer. Anistia Internacional. 2013. Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/nota-publica-20-anos-da-chacina-da-candelaria-nao-vamos-esquecer/>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

O CRIME. Estadão. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/cidades/castelinho-da-rua-apa/o-crime>. Acesso em: 10 out. 2024.

ONODERA, Iwi Mina et al. Estado e violência: um estudo sobre o massacre do Carandiru. **Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil**. Link, 2007.

OS MISTÉRIOS do Edifício Martinelli. 2014. GGN. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/cultura/os-misterios-do-edificio-martinelli/>. Acesso em: 21 out. 2024.

SÃO Paulo – Portal de Pedra do Antigo Presídio Tiradentes. IPatrimônio. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-portal-de-pedra-do-antigo-presidio->

tiradentes/#!/map=38329&loc=-23.542074696693753,-46.65168285369873,14. Acesso em: 22 out. 2024.

PARQUE da Juventude. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-da-juventude/>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

PARQUE Estadual da Ilha Anchieta possui grande diversidade de fauna marinha. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, 17 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=317656>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

PEREIRA, L; CRUZ, G e GUIMARÃES, R. **Impactos do rompimento da barragem de rejeitos de Brumadinho, Brasil: uma análise baseada nas mudanças de cobertura da terra**. Journal of Environmental Analysis and Progress. v. 4, n. 2, p. 122-129, 2019.

PEREIRA, T; LIMBERGER, P. F. **Turismo Cemiterial: Um Estudo Sobre As Experiências No Cemitério Da Consolação A Partir Do Tripadvisor**. Revista Reuna, v. 25, n.1, 2020. Disponível em: <https://revistas.una.br/reuna/article/view/1074%20http://dx.doi.org/10.21714/2179-8834/2020v25n1p1-19>. Acesso em: 01 de setembro de 2024.

PORTELA, L. J. P. **Cemitério dos Aflitos e o sepultamento de memórias negras no bairro da Liberdade em São Paulo**. Revista Presença Geográfica, vol. 11, núm. 2. Rondônia, 2024. Disponível em: <https://portal.amelica.org/ameli/journal/274/2744935005/html/>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

PRESÍDIO Tiradentes. **Torre das Donzelas**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.torredasdonzelas.com.br/presidio-tiradentes/>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

RODRIGUES, E. B; ALMEIDA, T; PAIXÃO, P. **Castelinho da Rua Apa ontem e hoje: uma história de crime, polêmicas e um grito por restauração**. Faculdade do Povo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/expocom/EX38-0739-1.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

ROJEK, C. **Ways of Escape: Modern Transformations in Leisure and Travel**. Palgrave Macmillan. Londres, 1993.

ROMPIMENTO da barragem da Vale, em Brumadinho, completa quatro anos. ASSEMBLEIA Legislativa De Minas Gerais. 25 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Rompimento-da-barragem-da-Vale-em-Brumadinho-completa-quatro-anos/#:~:text=As%20bandeiras%20de%20Minas%20Gerais,todas%20os%20mortos%20no%20desastre>. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

ROQUE, D. S. Rebelião da Ilha Anchieta: o primeiro grande massacre em prisão da história do Brasil. **BBC News**, 24 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63250947>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

RUÍNAS históricas da Ilha Anchieta são restauradas pelo Governo de SP. **Secretaria de Estado da Infraestrutura e Meio Ambiente**, 29 de agosto de 2024. Disponível em:

<https://semil.sp.gov.br/2024/08/ruinas-historicas-da-ilha-anchieta-sao-restauradas-pelo-governo-de-sp/>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

SALLA, F. **Rebelião na Ilha Anchieta em 1952 e a primeira grande crise na segurança pública paulista**. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 8, n.4, OUT/NOV/DEZ 2015 - pp. 633-658

SANTOS, L. O. da S. **Turismo tétrico na cidade de São Paulo**. In: Anais do Congresso Nacional de Pesquisa e Inovação em Turismo, 2021. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/9/22.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

SEATON, A. **Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism**. *International journal of heritage studies*, v. 2, n. 4, p. 234-244, 1996.

SEVCENKO, N. **A cidade-metástase e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista**. REVISTA USP, n.63, p. 16-35, setembro/novembro. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i63p16-35>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

SHARPLEY, R. Parte 1: *Dark Tourism: Theories and Concepts*. In: R. STONE, P. **The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism**. University of Central Lancashire: Channel View Publications. cap. 1, p. 3-56. Inglaterra, 2009.

SHARPLEY, R. e STONE, P. **The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism**. *Aspects of Tourism Series*, Channel View Publications: Bristol, UK, 2016.

SILVA, M. F. **RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES NOS CONTOS DE GEOVANI MARTINS**. Humanidades & Inovação. v. 9 n. 16 (2022): Corpo, Festa, Devoção e Religiosidade, 2022.

GUARATINGUETÁ, EE: Conselheiro Rodrigues Alves. **IPatrimônio**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/guaratingueta-ee-conselheiro-rodrigues-alves/#!/map=38329&loc=-22.818924,-45.194866,17>. Acesso em: 16 de outubro de 2024

SOBRE Brumadinho. Prefeitura **Municipal De Brumadinho**, [s.d.]. Disponível: <https://brumadinho.mg.gov.br/home/>. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

SOUSA, B. L. S. de. **Locais de memória: turismo mórbido no Museu da Loucura em Barbacena-MG**. 2021. 91 fl. Monografia (Graduação em Turismo) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

SOUZA, L. São Paulo inaugura exposição permanente sobre o Holocausto. **Agência Brasil**, 09 de novembro de 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-11/sao-paulo-inaugura-exposicao-permanente-sobre-o-holocausto>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

STONE, P. **A Dark Tourism Spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions**. *TOURISM: An Interdisciplinary International Journal* Vol. 54 Iss. 2 (2006). Disponível em: http://works.bepress.com/philip_stone/4/. Acesso em: 20 de julho de 2024.

STONE, P. **Dark tourism and significant other death: Towards a model of mortality mediation.** *Annals of tourism research*, v. 39, n. 3, p. 1565-1587, 2012.

STONE, P. **Dark Tourism.** *Encyclopedia of Global Archaeology.* Springer International Publishing. Londres, 2019.

STONE, P; SHARPLEY, R. **CONSUMING DARK TOURISM: A Thanatological Perspective.** *Annals of Tourism Research, University of Central Lancashire*, v. 35, n. 2, p. 574–595. UK, 2008.

TEIXEIRA-DA-SILVA, R. H. **Apropriação territorial e o fenômeno da patrimonialização: o caso de Belém-Lisboa.** *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* (Online), v. 17, p. 747-757, 2019.

THOMAS, S.; HERVA, VP.; SEITSONEN, O.; KOSKINEN-KOIVISTO, E. (2019). **Dark Heritage.** *Encyclopedia of Global Archaeology.* Springer, Cham, p. 1-16, 2022.

TORTAMANO, C. História do crime do poço: antes da tragédia do Edifício Joelma, local que abrigava o prédio foi alvo de um brutal assassinato. **Aventuras na História**, 02 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-crime-do-poco-antes-da-tragedia-do-edificio-joelma-local-que-abrigava-o-predio-foi-alvo-de-um-brutal-assassinato.phtml>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

TRAGÉDIA de Brumadinho: 4 anos de impunidade e sonhos soterrados. **CONECTAS: DIREITOS HUMANOS**, 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/tragedia-de-brumadinho-4-anos-de-impunidade-e-sonhos-soterrados/>. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

TRÊS anos após o rompimento da barragem de Brumadinho (MG), atingidos ainda cobram justiça. **Sindicato Nacional Dos Docentes Das Instituições De Ensino Superior**, 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/tres-anos-apos-o-rompimento-da-barragem-de-brumadinho-mg-atingidos-ainda-cobram-justica1#:~:text=O%20rompimento%20da%20barragem%20da,sobre%20os%20moradores%20e%20atingidos>. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

TUNBRIDGE, J. e ASHWORTH, G. **Dissonant Heritage: The management of the Past as a Resource in Conflict.** Wiley, Chichester, 1996.

VEIGA, E; WELLE, D. Massacre do Carandiru: 30 anos da maior chacina numa prisão brasileira. **G1**, 02 de outubro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/02/massacre-do-carandiru-30-anos-da-maior-chacina-numa-prisao-brasileira.ghtml>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

VIESTEL, R. M. **EDIFÍCIO JOELMA: DESAFIOS DA ORALIDADE.** Revista Veja, Edição 283. São Paulo, 1974.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil (1828 - 1829)**, v. 2. EDUSP, p. 152. São Paulo, 1985.